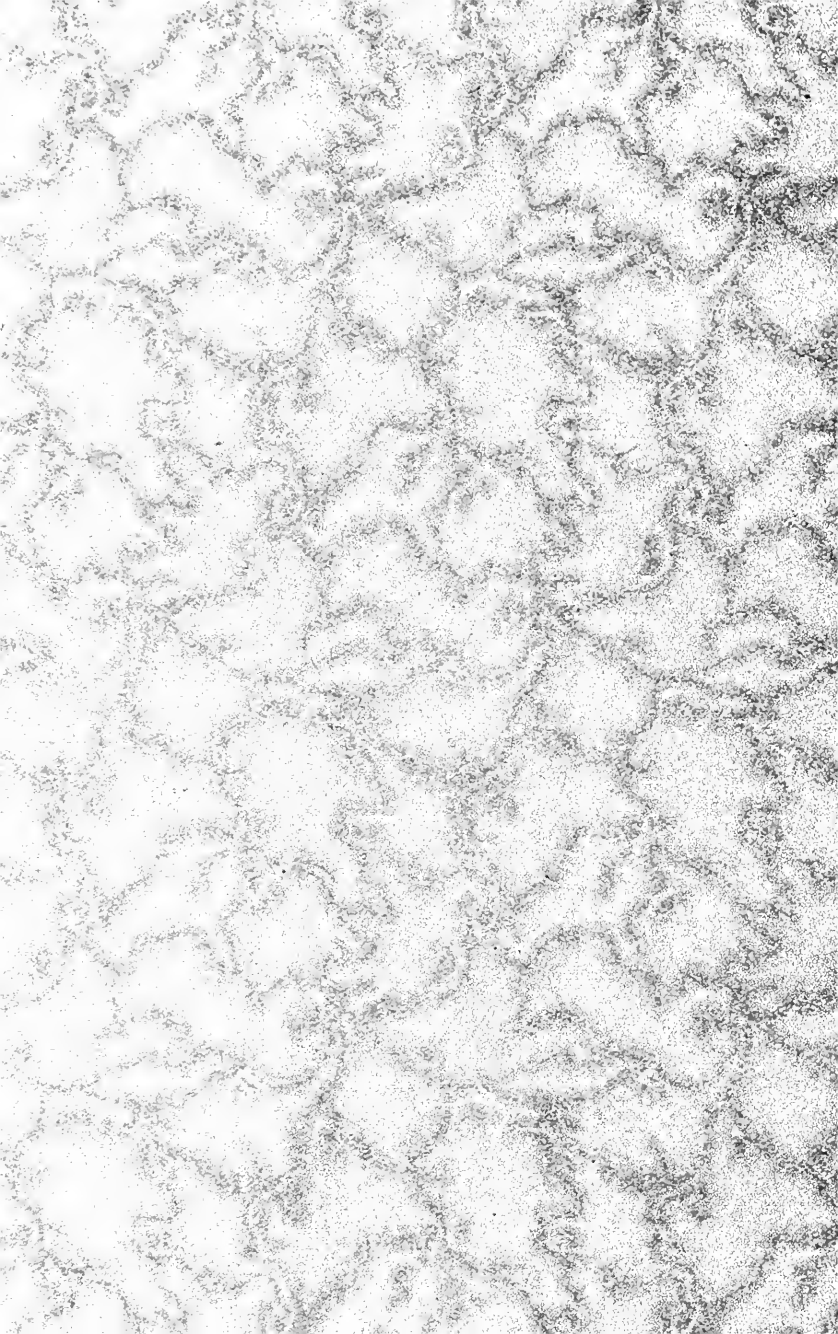
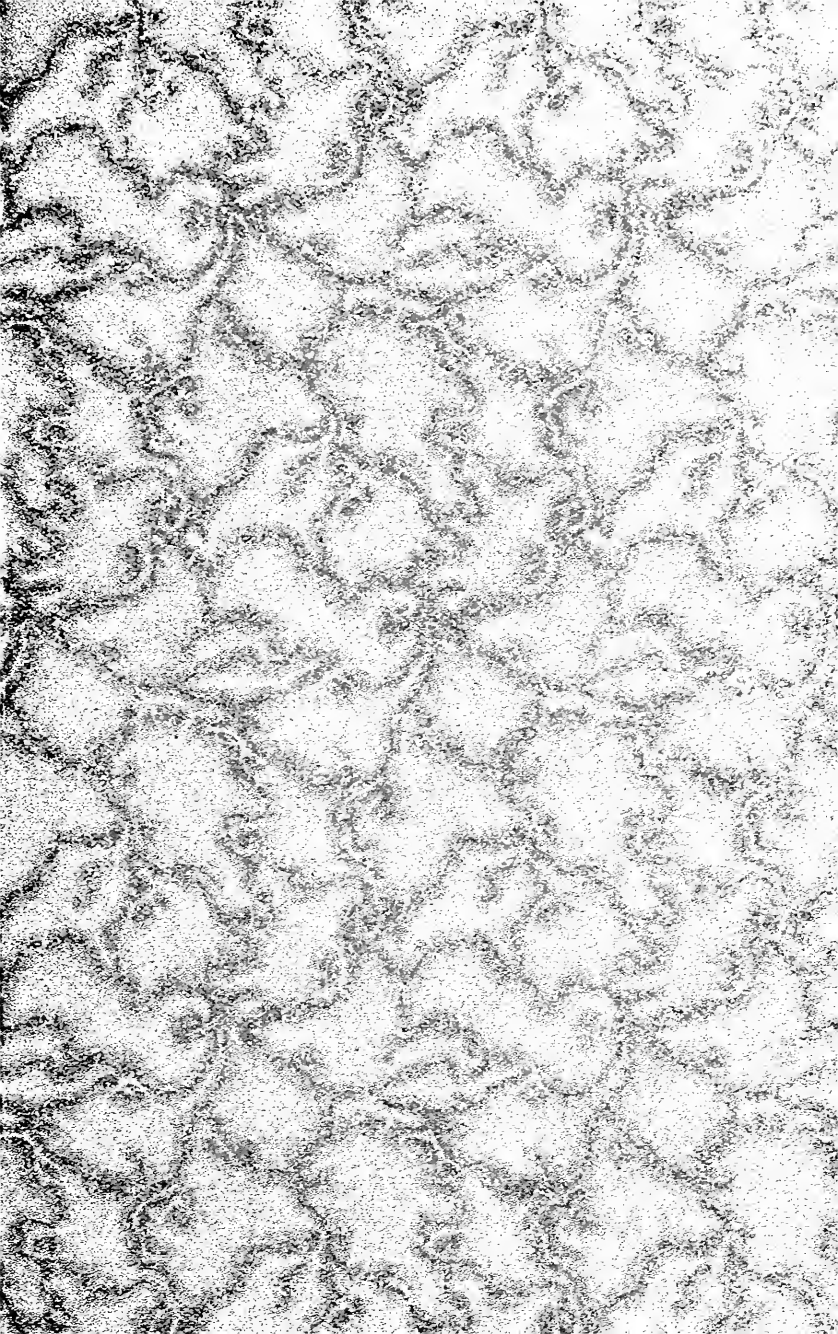
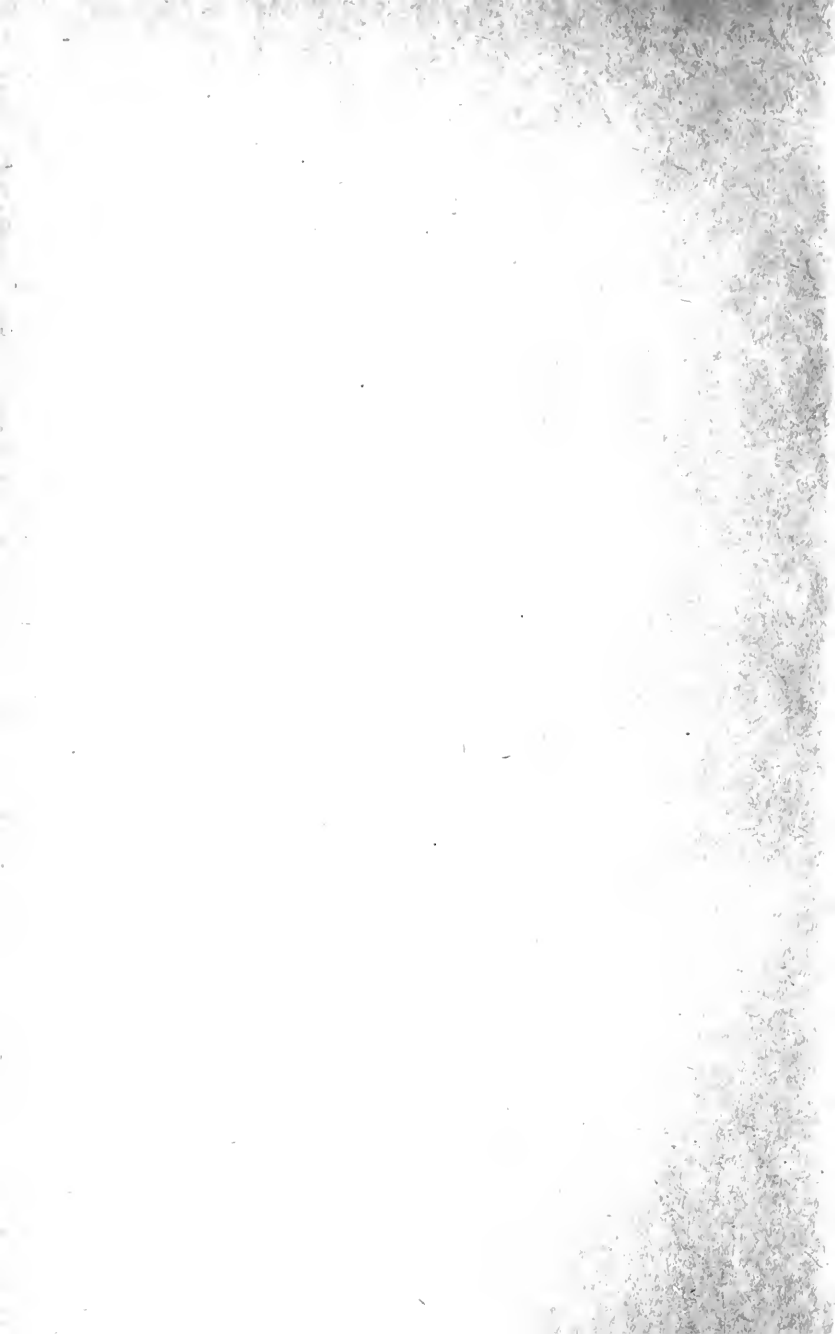


3 1761 07135956 6







Brinde aos Assignantes do Jornal do Commercio

# NOITES DE INVERNO

POR

ALMEIDA MENDES

LISBOA,

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO COMMERCIO

1—Rua do Belem—1


1889



BRINDE AOS ASSIGNANTES

DO

**JORNAL DO COMMERCIO**



Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto



BRINDE AOS ASSIGNANTES DO JORNAL DO COMMERCIO

---

# NOITES DE INVERNO

POR

ALMEIDA MENDES



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO COMMERCIO

1—Rua do Belver—1

1889

PQ

9261

A58N6



**TRAHIDA**



## TERCEIRA

Enquanto estudou preparatorios, Leonel mostrou-se sempre applicado e era considerado no seminario como estudante distincto.

No ultimo anno, porém, no espaço que medeia entre as ferias da Paschoa e as ferias grandes, começou a aborrecer a vida mais ou menos austera a que estava sujeito: e, enfasiado das lições de cantochão sob a direcção impertinente de um velho frade que tresandava a simonte e soffria de rheumatismo articular, chegadas as ferias atirou com a batina ás malvas e sacudiu o pó dos sapatos ao franquear a portaria do seminario.

Declarou resolutamente aos paes que não queria ser padre. Rebentou logo o temporal, mas elle, sem pretender desculpar-se, com o queixo fincado na palma da mão e o cotovello apoiado na grande arca da farinha, assistiu impavido á fuzilaria cerrada, que o colhia de todos os lados.

Era resolução definitiva e ninguem tentasse dissuadil-o.

Trovoada de maio e o bom sol não tardaria em rasgar o céo carrancudo. Ora essa! Não tornava a envergar a batina nem á mão de Deus Padre! Estava saturado do seminario e agarrar-se-ia á enxada, seguindo as honrosas tradições da familia, se não o deixassem abraçar outra carreira.

A tormenta serenou porque a mãe veio em seu auxilio. — « Pobres mães! antes santas mães, que o mal só com a bocca o promettem, e para o bem, mãos, alma, coração e vida, tudo lhes parece pouco! » — diz Trueba.

Sebastião dos Reis, o pae de Leonel, era homem de cincoenta annos, de estatura mediana, côres sadias, endurecido no trabalho, e capaz, dizia elle muitas vezes, de viver outros cincoenta. Um bom homem em toda a

extensão da palavra, franco e serviçal quanto cabia nos seus teres.

A mulher tinha perto de quarenta, mas era franzina e gosava pouca saúde: um bonito palmo de cara e um excellente coração.

Margarida, a irmã de Leonel e pouco mais velha do que elle, era o retrato da mãe, emquanto que o irmão se parecia com o pae: a mesma feição vigorosa, o mesmo character inquebrantavel.

Possuindo bens que lhes permittiam viver desafogadamente, tinham resolvido que a filha soubesse ler e bordar e Leonel se destinasse á vida ecclesiastica.

\*  
\* \* \*

A' noite reuniu o capitulo: estavam presentes o prior, o regedor, que era padrinho de Leonel, e mais dois compadres de Sebastião dos Reis.

Ordem do dia, aliás da noite:— a resolução do moço estudante— larga e furiosa—

mente debatida, a ponto do padre ter de pespegar dois murros na mesa para conter a indignação do regedor e dos compadrês, empenhados em matar-lhe o bicho do ouvido, ao Sebastião e á familia.

Leonel, como póde presumir-se, esgucirára-se surrateiramente logo que viu reunida a assembléa.

Qual seria o motivo que levava o rapaz a abandonar a carreira, que parecia abraçar voluntariamente?

O regedor, homem que dava toda a importancia ao seu cargo, que não era para ahí qualquer João Fernandes, que sabia fazer uma eleição, o regedor, com grande redundancia de palavras—não é só no parlamento que se fazem desperdícios de rhetorica—o regedor—primeira autoridade da terra! opinava por que lhe pozessem as correias ás costas, ou o mandassem para o Brazil n'um cavallinho de pau, emquanto a mãe, sentada a um canto da lareira, tremia como varas verdes, e enxugava as lagrimas, que esta lembrança fizera correr quatro a quatro pela face mortificada.

O prior não achava merecedora de tantos espantos a resolução de Leonel, nem des-



gostava que elle seguisse outra carreira em que a sua intelligencia pouco vulgar podesse manifestar-se á vontade.

O que fôste dizer padre prior!?... O antagonista, enraivecido como um toiro bufundo e escarvando a terra, replicou-lhe que sendo seu filho, o deitaria em lençoes de vinho, se não quizesse ser padre. Elle o ensinaria a ser desobediente! Não estava má!... Então já os filhos tinham querer? E começou a apologia da vida sacerdotal, felizmente desacompanhada de citações latinas, em que era de tremer quando tinha o seu grãosinho na aza. Se não estavam ainda convencidos, que pozessem os olhos no sr. prior.— Quatrocentos mil réis, além dos presentinhos!

Sebastião dos Reis ouvia-os com paciencia de santo, e a sessão ameaçava prolongar-se até alta noite, se o padre José não allegasse que o esperava o seu chá.

Dissolveu-se a reunião, com intimo pezar do rezedor e gaudio de Sebastião dos Reis, quási inclinado para a opinião do parochó.

—Temos tempo para resolver, disse elle á mulher quando se preparavam para cear. Talvez o rapaz mude de tenção.

Entretanto Margarida pedia que fizessem

a vontade ao irmão, allegando que era uma barbaridade obrigar-o a seguir a carreira ecclesiastica sem vontade.

\*

\* \*

Leonel tinha as suas razões para não ser padre. Completára os dezoito annos pela Paschoa e as patricias prestavam-lhe todas as attenções, porque era um bello rapaz, distincto, amavel, e, sobretudo, abastado.

Gosava uma saude de ferro, e durante as ferias, de espingarda ao hombro e merenda na bolsa de rede, batia a serra e os campos cobertos de uma vegetação luxuriante, recortados por limpidos regatos, onde o sol dardejava a prumo os seus raios creadores, e só á noite voltava a casa.

N'um d'esses dias prolongou o seu passeio chegando a um pequeno valle que não conhecia. Leonel ficou surprehendido diante d'aquelle sitio encantador, coberto de arvores cuja folhagem, repintaigada de luz intensa, corria a gama dos tons, desde o verde

claro ao verde escuro de reflexos metallicos.

Um pequeno regatô, crystallino, deslizando sobre um leito de cascalho luzidio, engrialdado de massiços de verdura, transbordando de seiva; formava quedas deliciosas, onde as rochas erguiam um dique natural á sua corrente murmurante.

A meia encosta, como um ninho cercado de encantos pela solitudine maternal, havia uma casa em cujas paredes muito claras o sol batia cruamente. O laranjal em flôr, coberto de fructos dourados, agrupamentos de arvores gigantescas formando caramanchões, taboleiros de arbustos em plena florescencia, compridos renques de acacias abraçadas pelas trepadeiras de matizes variados, cercavam aquella habitação transformando-a em asylo de fadas.

Uma preciosidade encravada n'um recanto da serra em que se alcantilava a peneidia escura, vestida de velhos musgos, onde as aguias faziam os ninhos, defendidos pelo matagal eriçado de compridos braços espinhosos.

Leonel, detido pelo arrebatamento, que na sua alma de artista imprimia aquella fi-

nissima miniatura, aquelle pedaço de téla, onde o pintor—a Natureza—ostentava uma vegetação poderosa, tendo por fundo a extensa mancha escura da penedia escalvada e do matto, recortando duramente o grande céo azul; Leonel, n'uma exaltação crescente, aspirando com os pulmões muito abertos o ar purissimo, preso por aspirações vagas, indefinidas, esquecera-se de que o sol começara a declinar e eram horas de voltar a casa, sem que a noite o surprehendesse no caminho.

Rápidas mutações de luz começavam a dar á paisagem um aspecto differente, descoravam os troncos das arvores, e a brisa, que até ha pouco acariciava a folhagem com fremitos de amor, açoutava-a agora raivosamente. No céo enormes rollos de nuvens pardecentas, empurrando-se n'uma carreira vertiginosa, como demonios em lucta cyclopica, empilhavam-se ao norte, produzindo phantasticas agglomerações.

Vinha imminente a tempestade e Leonel pôz a espingarda ao hombro e chamou o cão, que andava farejando as moitas.

Então havia de partir sem vêr quem eram os felizes mortaes que viviam n'este paraizo?

—Não existiria alli uma mulher formosa? Forte semsaborão! Ia voltar a casa sem cumprimentar a fada gentil que habitava este ninho de verdura! . . .

Leonel estava *bem posto* com o seu jaquetão e calça de meia casimira, chapéo de aba larga, tendo ao lado o perdigueiro de grandes orelhas e duas ventas. Desceu vagarosamente, contornando o regato, que soluçava uns brandos queixumes ao cahir dos rochedos, e franqueou o tosco pontão de madeira, uns troncos de carvalho, presos com vime entrançado, que ligavam as duas margens.

Seguiu o farto comoro de silvas e pouco depois achava-se em logar de onde podia ver a outra face da casa. Em todo o comprimento da fachada havia um caramanchão em que se entrelaçavam, n'uma promiscuidade de ternura de amores retribuidos, os cachos côr de carne da gliciniã com os ramilhetes alaranjados da lantana, os braços espinhosos da roseira remontante vestidos de pinhas de pequeninas rosas amarellas com as hastes vecejantes da bogavillia tou-rada das suas flores côr de fogo.

A surpresa augmentou, e, procurando es-

conder-se com o velho tronco de um carvalho, assistiu a uma scena commovente: uma rapariga cantava um romance popular, em voz fresca e vibrante, artisticamente modulada, junto a um velho que a escutava sorrindo; e no jardim uma creança loura como os amores, muito gorda, quasi nua, dava cambalhotas na areia, querendo á viva força que um Terra Nova a acompanhasse nos seus exercicios acrobaticos.

Tomado de admiração, Leonel não reparara que a tempestade ia rebentar, e só quando grossas pingas de chuva começaram a fustigar a folhagem do carvalho, é que desviou o olhar do quadro risonho em cuja contemplação se embebera.

Fuzilou um relampago e em seguida o trovão estalou com fragor medonho. A chuva engrossou. As nuvens recortando-se em formas estravagantes, agglomerando-se em castellos phantasticos, chocando-se, abraçando-se como para se esmagarem, feriam uma lucta de demonios enraivecidos.

A situação era perigosa e tornava-se urgente uma solução qualquer. Não podia sem grave risco continuar sob o enorme vegetal, e a agua começava a correr em fio do cha-

péu desabado. Mas, oh! suprema ventura! veio em seu auxilio um criado da linda venda, e, abrigando-se debaixo do guarda-chuva, que lhe offerecia per ordem do amo, tomaram ambos o caminho do paraizo, que do alto da encosta o enamorara.

Estava acordado ou sonhava? E, se não fôra o guarda-chuva automatico, e aquelle criado vestido de saragoça—uma pelintrice no meio d'aquella poesia—havia de julgar que andava em tudo isto o poder magico de uma feiticeira gentil.

\*  
\* \*

N'uma pequena sala mobilada com elegancia, cujas janellas em ogiva davam para o caramanchão, perfumado pelo aroma suavissimo dos cachos da glicina e das pinhas de rosas pequeninas, estava sentado um homem que devia ter perto de oitenta annos, com a fronte sulcada pelas rugas, e olhar amortecido pelo soffrimento, e ao lado, n'uma d'essas cadeiras de verga, que a industria

insulana aperfeiçoa diariamente, a formosa cantora, que tanto o impressionára.

Após as apresentações e cumprimentos do estylo, Leonel aceitou a cadeira que a joven lhe offercia,

—Por que não se refugiou em nossa casa quando começou a chuva? perguntou-lhe Ricardo de Sousa, em tom d'amigavel reprehensão a que o autorisavam os seus longos annos. N'esta casa são todos bem recebidos e especialmente em occasiões como a presente. Se não fôra a minha neta, que o viu quando fugiamos á trovoada, deixava-se molhar com um estoicismo imperdoavel.

—Fiquei de tal modo surprehendido,olveu Leonel, que no primeiro momento só me lembrei de abrigar-me sob um carvalho, esquecendo o risco que podia correr. E' a primeira vez que visito estes sitios. Depois de ter batido inutilmente a serra, descobri este valle, uma preciosa maravilha, que eu desconhecia apesar de ter nascido bem perto d'aqui. Sentei-me junto a uma das quedas do regato, e, esquecendo tudo na contemplação d'este quadro admiravel, só acordei do sonho quando as mudanças de luz me annunciaram que a tempestade ia rebentar.



Descia a encosta e estalou o primeiro trovão...

Uma criada entrou na sala com o candieiro e Leonel não poudo suster um movimento de admiração diante da formosura da neta de Ricardo de Sousa. Bertha contava dezeseite annos incompletos. Com o rosto levemente moreno, os olhos d'um negro aveludado ensombrados pela ramaria das pestanas, a bocca pequenina e carminada como um botão de rosa entreaberto em manhã de primavera, os seios adoravelmente contornados, arfando sob a bata de musselina alvadia, correcta nas fórmãs, distincta no porte, era uma creança tentadora.

A palestra generalisou-se; dos cumprimentos passou-se a outros assumptos, e era noite fechada quando Leonel pediu licença para retirar-se, sendo obrigado a accitar um cavallo, que Ricardo de Sousa lhe offereceu, porque a aldeia distava tres kilometros.

Ao despedir-se de Bertha sentiu o peito agitado por commoções a que sempre fôra estranho e teve vontade de beijar aquella mão pequenina e assetinada, que ella lhe estendia com o rosto risonho e o olhar tranquillo.

\*

\* \*

Á entrada da aldeia despediu o criado, gratificando-o generosamente, e em casa allegou, para motivar a demora, que se tinha recolhido na azenha do Pardal, o rei dos moleiros da vizinhança.

Quando poudo estar só com a irmã, contou-lhe a aventura, as impressões que trazia do seu novo conhecimento, terminando por confessar-lhe que estava enamorado de Bertha.

—Mas quem é essa gente? perguntou Margarida muito orgulhosa com a confiança do irmão.

—Não sei; mas hei de informar-me.

—Tem cuidado, Leonel; esqueces-te de que o pae e a mãe querem que sejas padre?

—Talvez queiram a minha morte, volven elle sombriamente.

E, mudando de tom, arrebatado pelo desejo das largas confiancias sobre o objecto do seu amor, descreveu de mil modos aquella

adoravel creança, o avô, a casa, o jardim com os seus arruamentos muito cuidados, os exercicios acrobaticos do pequeno meio nú, que brincava com o Terra Nova, a amabilidade com que o receberam, todas as pequenas minuciosidades da tarde. O que elle estimava, o que lhe dava immenso prazer era fallar de Bertha.

—E quem é o pequerrucho que brincava com o cão?

—É filho da caseira; mas Bertha é muito amiga d'elle.

A mãe, chamando por Margarida, veio pôr termo á confidencia.

\*

\* \* \*

Dois dias depois, tendo engulido o jantar á pressa, com repetidos sustos da irmã, que receiava que elle se escaldasse a cada colheira de sopa a ferver, Leonel tomou a espingarda, e, assobiando pelo perdigueiro, tomou a direcção da quinta de Ricardo de Sousa.

Caminhava rapidamente, com uma ancia

de chegar, que por mais de uma vez tropeçou no chão, que de um e outro lado farejava as moitas.

Não desceu, deixou-se escorregar pela encosta, e, rente ao comoro, foi obrigado a deter o passo para acalmar a agitação.

Com mão tremula fez oscillar a sineta e o criado mandou-o entrar para a sala, onde o tinham recebido na tarde da trovoadá.

—Por cá, sr. Leonel? exclamou Ricardo de Sousa estendendo-lhe a mão.

—Cumpria-me vir agradecer a v. ex.<sup>a</sup> os obsequios que antes de hontem teve a bondade de dispensar-me.

—Estimo muito vê-lo, mas não queria que se incommodasse por tão pouco. N'este ermo as visitas são sempre apreciadas, e permittisse Deus que eu pudesse saldar dividas d'essa natureza. Mas estas dores, que ha annos me perseguem horriavelmente, não me deixam sair.

—E a sr.<sup>a</sup> D. Bertha como passa?

—Bem. Depois que viemos para esta quinta nunca mais receei pela sua debil constituição. A pureza do ar, os habitos completamente differentes dos que o uso consagra nas cidades, a alimentação, tudo, emfim,

operou uma mudança notavel. Arranquei-a ás garras da anemia e hoje está salva. Creio que ignora a sua vinda, quando não já teria apparecido.

Proseguiu o dialogo: banalidades sobre as bellezas do valle e da quinta, que pertencera a um velho morgado roido pela gota e pela embriaguez; excellencia dos terrenos e producção local, modos de cultura, de cuja rotina elle, Ricardo de Sousa, começava a afastar-se ensaiando os novos processos preconizados pela sciencia agricola; emprego de machinas, perfeição das alfaias modernas, remodelação completa que a agricultura ia soffrendo, a lucta do capital, as industrias, etc.

Leonel demorou-se perto de meia hora, e, reiterando os agradecimentos, despediu-se desgostoso por não ver a fada gentil que para alli o attraía.

—Quer jantar connosco, sr. Leonel?

—Muito obrigado; jantei antes de vir, e agora. . .

—Vae sacrificar alguma perdiz? Pois, se quer jantar, o offerecimento é sincero.

E, como Leonel continuasse a recusar, chamou a criada.

—Onde está a menina?

—No jardim.

—Vae chamal-a.

—Não desejo por modo algum incommodar a sr.<sup>a</sup> D. Bertha, e, se v. ex.<sup>a</sup> me dá licença, terei muito prazer em lhe apresentar os meus cumprimentos no jardim.

Precedido da criada, Leonel foi ao encontro de Bertha.

—Seria uma ingratidão inqualificavel se me demorasse mais tempo sem vir agradecer a v. ex.<sup>a</sup>, como já o fiz a seu ex.<sup>mo</sup> avô, a fineza que com tanta bondade me dispensaram n'aquella tarde, que para mim foi cheia de agradaveis impressões.

—Começa por um galanteio, sr. Leonel, e os galanteios no campo são como rétratos feios em molduras lindissimas. Guarde-os para quando voltar á cidade, concluiu Bertha com um sorriso encantador.

—Não disse um galanteio, mas uma verdade incontestavel.

--Cuidado, que vae trilhando o mesmo caminho. Ainda me não disse como se portou o meu cavallo.

—Perfeitamente.

—O Sultão é fiel e humilde; mas podia estranhar o cavalleiro. É um cavallo arabe,

*pur sang*, no dizer dos entendedores, intelligente e docil, como não vi outro.

Entretanto colhia rainunculos de variadas côres n'um canteiro, no centro do qual se elevava um formoso exemplar de magnolia yulau, em cuja folhagem luzidia o scl punha scintillações metallicas.

—V. ex.<sup>a</sup> tem ahi uma preciosa collecção de rainunculos, formosos como as mãos...

—Sr. galanteador, queira lembrar-se da minha comparação de ha pouco.

—É inexoravel, sr.<sup>a</sup> D. Bertha.

—E o sr. Leonel um rebelde que não respeita as recommendações que se lhe fazem, volveu ella expansivamente.

Embora sentisse grande desejo de conservar-se junto de Bertha por muito mais tempo, Leonel despediu-se, protestando o seu reconhecimento e alludindo outra vez ás agradaveis impressões da tarde em que tivera a felicidade de a conhecer.

—Até á vista, sr. Leonel. Venha quebrar a monotonia d'estes sitios quando não tiver que fazer, mas deixe lá fóra os galanteios, sim?



Leonel subiu a encosta com passo vagaroso, e, a meia altura, não poude esquivar-se ao desejo de olhar para aquella casa, onde vivia a mulher que lhe povoava a imaginação de poeticas visões. Por acaso — o que havia de ser senão o acaso?—Bertha estava á janella e surprehendeu-a olhando para elle.

Continuou subindo, e tendo dado meia duzia de passos olhou novamente: já lá não estava, e o coração envolveu-se-lhe em uma nuvem de tristeza.

Leonel soffria uma transformação completa. Até áquella memoravel tarde ainda não reparára nas mulheres, a não ser como admirador da plastica, e agora os olhos da alma reparavam tanto como os do corpo. Uma grande revolução se operava. Estava decidido que não seria padre.

Sem que entrasse na quinta, a paixão que lhe insuflava nas veias um ardor e desejos desconhecidos, obrigava-o a repetir os pas-



seios no valle. Surprehendia muitas vezes Bertha passeiando no jardim, e escondia-se com os troncos das arvores, receiando que a visão desaparecesse, se adivinhasse que a espiavam os seus olhos muito abertos.

E deixava-se permanecer n'aquelles logares horas esquecidas — em extasis de platonismo piegas — na contemplação do regato crystallino, do arvoredado frondoso e do santuario onde ella vivia.

As vezes, porém, deitado sobre a relva avelludada, que o sol polvilhava com uma chuva de ouro, espreitando-lhe os menores movimentos, desejava tel-a ao seu lado; e, cerrando os olhos, evocando-a, parecia-lhe que os seus labios se uniam aos d'elle avidos de beijos ardentes, nos pruridos da carne assetinada, que o assaltavam em transportes delirantes, na vertigem dos arrebatamentos sensuaes.

Depois, envergonhando-se muito, ruborizado como se o apanhassem em flagrante, pesaroso, julgando-se indigno do amor immaculado que talvez despertasse no coração de Bertha, procurava desvanecer a visão que o tentava, a embriaguez da materia que o flagellava, e pedia-lhe perdão d'aquellas

verduras de rapaz, em cujas veias corria tumultuosamente o sangue bom e são das fortes constituições.

Assim decorreu a semana: terminavam as férias do Natal e Leonel devia voltar para o seminário.

Dirigiu-se á quinta para fazer as suas despedidas e encontrou Bertha no jardim, bordando á sombra de uma acacia vestida de opulentos cachos de flores amarellas, que o sol, a grande alma da natureza, cingia de luz vivificadora.

—Julgava que nos tinha esquecido, exclamou ella quando o viu.

—E, todavia tenho andado bem proximo d'estes sitios, sabe Deus com que desejo de vel-os, mas receando tornar-me importuno.

—Pois tem feito mal, saiba. Se não fosse um ingrato teria visitado meu avô, que professa pelo senhor verdadeira estima! Coitado! Tem passado muito mal estes dias.

—Poderei cumprimental-o?

—Agora, não. Depois de jantar mostrou desejos de socegar um pouco e está dormindo.

Leonel ia resolvido a confessar-lhe o seu amor e difficilmente encontraria melhor oc-

casião. Por duas vezes tentou principiar, mas o acanhamento o e receio estrangulavam-lhe as palavras na garganta e as faces incendiam-se-lhe de côres vivas, como um collegial, que acaba de ser apanhado n'uma diabrura pelo olhar severo do prefeito.

—Que tem, sr. Leonel? Parece-me tão triste.

—E' verdade, minha senhora. Acabam amanhã as férias e tenho de voltar aos meus estudos.

—Retira amanhã? perguntou ella com um certo enleio, que procurou disfarçar redobrando de attenção para o bordado.

—Sim, minha senhora; e foi por isso que vim hoje. Não quiz partir sem ter o prazer de os cumprimentar mais uma vez e ao mesmo tempo dizer-lhes adeus.

Sentiam-se ambos opprimidos: Leonel, pelo apartamento, que o enchia de saudades; Bertha, por um vago anccio, que a obrigava agora a desviar a vista do bordado para a fixar demoradamente, intensamente nas flores, no arvoredó, na encosta onde serpeava o arroio brilhante como uma facha azul recamada de myriades de estrelas de ouro.

Prolongava-se o silencio e Bertha resolveu quebral-o.

—Não diz nada? Creia que me está incommodando a sua tristeza: desejo vel-o alegre.

—O que quer, minha senhora? Nunca me custou tanto abandonar a aldeia como d'esta vez.

—A ausencia não deve ser muito grande. E' no fim de julho que regressa.

—Talvez antes.

—Pouco mais de dois mezes.

—E' que. . .

Não teve forças para concluir, e amaldiçoando o acanhamento que lhe deixava perder aquella magnifica occasião, olhou obliquamente para Bertha, embaraçado, absorvido pela idéa fixa, que o acompanhára até alli.

Arrastado pelo receio de se tornar ridiculo deante de uma mulher formosa, precipitadamente, esforçando-se por não estrangular as palavras, com estas indecisões de rapaz inexperiente, exclamou:

—Promette não se zangar comigo, sr.<sup>a</sup> D. Bertha?

—Por que me faz essa pergunta? volveu

ella, occultando com o bordado a perturbação de que estava possuida.

—Prometta-me que não se zanga, peço-lh'o pela sua felicidade.

—Prometto.

—Quer saber por que estou triste? Porque deixo n'estes sitios metade da minha alma. Amo-a desde aquella memoravel tarde em que a vi pela primeira vez. . . e, se tivesse a certeza de ser correspondido, não iria tão pezaroso.

Bertha fez-se muito vermelha e não atinou de prompto com a resposta.

—Quando lhe prometti que não levava a mal a confissão que desejava fazer-me, não suppunha que fosse d'essa natureza. Não me podia lembrar de que tivesse despertado no sr. Leonel o amor que diz sentir por mim. Estava tão longe de me suppôr amada. . .

Deteve-se um momento para dominar a commoção.

—Tem a certeza de que não se illude? Ás vezes esse amor vehemente, a que o sr. Leonel acaba de referir-se, não passa de uma ligeira inclinação, que se desfaz em breves dias como um sonho, quando a ra-

zão volta ao seu dominio sobre o coração. Creia que não estou resentida: lisonjear-me-lia se quizesse aproveitar para passatempo das horas tristes d'este ermo a sua declaração. No seu caso, sr. Leonel, guardaria para mais tarde a confidencia, para quando estivesse intimamente convencida de que não lhe era superior. Bem vê, sr. Leonel, concluiu ella em tom alegre, um pouco motejador, que a sua paixão de oito dias ainda não pôde considerar-se authentica.

—Tem muita rasão, sr.<sup>a</sup> D. Bertha. Verdades dos dezoito annos! Inexperiencia de quem pela primeira vez cruza as armas do amor. . .

Os soluços embargaram-lhe a voz, e, com palavras entrecortadas, incompletas, começou a pedir-lhe perdão por haver-lhe confiado sentimentos que deveria guardar no intimo do peito.

—Mas. . . sr. Leonel, pelo amor de Deus! Melindrou-o alguma das minhas palavras? Se fui injusta comsigo, creia que só involuntariamente podia sê-lo.

—V: ex.<sup>a</sup> não me melindrou. O que lhe peço é que se esqueça do que acaba de passar-se entre nós.

Simulava uma serenidade que não tinha e ergueu-se.

—Vou retirar-me. Peço-lhe que apresente os meus cumprimentos a seu avô, a quem sinceramente desejo as melhoras.

—Por que não espera que elle se levante? Parece que está zangado comigo?

—Não estou, minha senhora. Que mal me fez v. ex.<sup>a</sup>? Tenho ainda umas despedidas a fazer e amanhã, ás oito horas, hei de partir.

Bertha colhia violetas.

—Offereço-lhe este ramo : guarde-o como testemunho da boa amizade que lhe tributamos, e espero que não deixará de visitar-nos quando voltar nas proximas férias.

Era tremula a sua voz vibrante, acariciadora, e Leonel, se não estivesse tão preocupado, ver-lhe-hia os olhos marejados de lagrimas, que debalde quizera suster.

O moço estudante agradeceu muito commovido a lembrança delicada.

Voltára a tranquillidade, e foi com o seu meigo sorriso de creança, escrespando-lhe levemente os labios nacarados, que Bertha lhe disse o adeus.

Quando subia a encosta, Leonel surpre-

hendeu-a á mesma janella. Olhou mais acima e a visão querida tinha desapparecido. Beijava sofregamente o ramo, que as mãos d'ella tinham colhido e embalava-o a esperança de que corresponderia ao seu amor.

\*  
\*   \*

Leonel concluiu os preparatorios obtendo a classificação de distincto. Fôra para elle um grande supplicio o uso da batina; e as lições de cantochão, o frade impertinente, as rezas em communitade, os exercicios espirituaes enfastiavam-no a tal ponto que, se não fôra o respeito ao pae, teria abandonado o seminario antes do fim do anno.

No dia seguinte ao da chegada dirigiu-se á quinta. Bertha passeava no jardim: após uns cumprimentos rasgados, expansivos, Leonel perguntou-lhe:

—Seu avô como passa?

—Rasoavelmente. Está no pomar; vamos vel-o.

—Permitte-me que eu alluda á confissão



que lhe fiz na ultima tarde em que aqui estive?

—Não seria melhor guardarmos para mais tarde. . .

—Não, sr.<sup>a</sup> D. Bertha, atalhou Leonel: deve ser hoje e agora mesmo, que nos é propicia a occasião.

Bertha, vermelha como uma romã, inquieta, porque receava que fossem ouvidos, disse-lhe que fallasse.

—Recorda-se de que me perguntou se estava certo de que não era uma ligeira inclinação o que eu sentia pela sr.<sup>a</sup> D. Bertha?

—Lembro, volveu ella com um sorriso malicioso. E... vae dizer-me que tinha razão?

—Engana-se: lançou raizes mais fundas, revigorou com a saudade, que me torturava longe de si. Acredita?

Vendo que ella não respondia proseguiu:

—Seja franca. Diga-me se devo, ou não, afagar a esperanza de ser correspondido. Minha familia deseja que eu siga a vida ecclesiastica e quero hoje mesmo decidir do meu futuro.

—Padre!... exclamou Bertha enleada,

constrangida, como se um grande peso lhe esmagasse o coração.

—Repugna-lhe que feche voluntariamente o peito ás santas alegrias da familia, quando a vida começa a revestir-se para mim de todos os seus encantos? Juro-lhe que o farei, se a sr.<sup>a</sup> D. Bertha não resolver o contrario.

—O sr. Leonel é que sabe se tem ou não vocação para o sacerdocio...

—Vocação... quando lhe fallei ha pouco de amor? Estava louco quando julguei que podia ser amado? E' o mesmo: diga-o com a certeza de que não ficarei ressentido.

—Colloca-me n'uma situação melindrosa e sinto-me embaraçada na resposta...

Ricardo de Sousa voltava do pomar.

—Não podemo's demorar-nos porque já fomos vistos por meu avô. Espero-o amanhã, ás sete horas.

—Não faltarei.

O velho recebeu o estudante com prazer e felicitou-o pelo seu aproveitamento.

—E agora a que se destina? perguntou-lhe.

—Ainda não resolvi, sr. Sousa: começarei a pensar n'isso.



As horas pareceram-lhe seculos.

Teve grandes intervallos sem dormir durante a noite. Bertha amal-o-ia? O ramo de violetas que lhe tinha dado na vespera da partida para o seminario, a repugnancia que n'essa tarde mostrára quando fallou em ser padre, alimentavam-lhe a esperanza.

O que motivava a reserva em responder ás suas perguntas? O que se succederia á entrevista que, sem a solicitar, ella lhe marcará?

E por mais tratos que dêsse á imaginação achava-se preso n'este circulo de duvidas amargurantes.

Como devia ser consolador o repousar das luctas da vida n'aquelle peito; copioso manancial de castos sentimentos! Como seria feliz, possuindo-a! Era tão formosa, o seu porte tão distincto!

E do extase de um fetchismo concentrado, cahia na exaltação feroz dos desejos, ao lembrar-se da pureza das linhas do seu corpo, primorosamente talhado, do seu collo de mulher na primavera da vida.

Sobre a manhã cedeu á fadiga e dormiu um comprido somno reparador.

Acordou com o quarto inundado da luz do sol, que principiava a sua marcha triumphal através a abobada do azul, e abriu os olhos pestanejando para vêr as horas.

Sentou-se na cama atordoado e começou a vestir-se á pressa, sem desprezar a menor particularidade da *toilette*.

O campo offerecia um aspecto menos alegre, porque os ardores do estio tinham mirrado as verduras luzidias que o vestem na primavera; mas as duas faxas de eucalyptos que orlavam a estrada, muito altos, perfilados como duas linhas de gigantes em ordem de batalha, cobriam-se de pardaes que, voejando de ramo em ramo, confiavam ruidosamente ás companheiras as suas trovas de amor, beijando-se em meigas garri-dices de namorados contentes.

A's sete horas em ponto descia a encosta e pouco depois Bertha appareceu do outro lado do comoro.

—Bons dias, senhor madrugador.

—Bons dias, sr.<sup>a</sup> D. Bertha.

—Suba até encontrar uma cancella.

Leonel começou por agradecer-lhe esta

prova de confiança, que para elle era uma enorme ventura, e concluiu por dizer-lhe que estava adoravel com o seu lindo vestido branco muito afogado no pescoço, etc., etc.

—Parece que as brisas da manhã estimularam no sr. Leonel o gosto pela galanteria ..

Protestou: sorriam ambos, ella por vel-o contente, elle encantado de estar tão proximo de Bertha, que sentia o calor da sua respiração um pouco agitada, parecendo-lhe mesmo que via estremecer os seios, cujas formas o corpete muito justo desenhava nitidamente.

Depois ficaram muito serios: ella censurando-se por ter-lhe marcado a entrevista, sem haver pensado nas consequencias que poderiam seguir-se-lhe, elle porque não achava meio para entrar francamente no assumpto, que alli os reunira.

Bertha tomou a palavra.

—Disse-me hontem, sr. Leonel; que seus paes desejam que siga a carreira ecclesiastica?

—Disse, minha senhora.

—Por que não lhes faz a vontade?

—Pelo motivo que já duas vezes lhe apresentei, mas que a sr.<sup>a</sup> D. Bertha não aceita.

—Tenho razões para isso. Quándo, pela Paschoa, o sr. Leonel me declarou o seu amor, pedi-lhe que deixasse passar algum tempo para se convencer de que não estava enganado. Não descreia, desconfiava. Alludiu hontem á sua declaração... quando eu julgava que só pensasse em mim como n'uma amiga dedicada. Supponho que o sr. Leonel me perdoará responder-lhe que tenho motivos poderosos para recusar o seu affecto.

—Para que pretende enganar-me? volveu Leonel exaltado. Para que o sacrificio do seu amor, da sua felicidade, talvez? Ou eu me engano muito ou os seus labios não dizem o que o coração está sentindo.

—Tranquillize-se, sr. Leonel, para não se illudir tão facilmente. Póde crer que não me é indifferente, mas esteja certo de que... não sacrificio um sentimento que ainda não despertou.

—E' muito cruel, sr.<sup>a</sup> D. Bertha, comprazendo-se em torturar-me. Não acredita que durante a minha ausencia só a esperanza de alcançar o seu amor podia animar-me nas longas torturas a que este sentimento

me condemnava? Não a compunge, não lhe causará remorsos o sacrificio a que voluntariamente vou entregar-me?

—O que dirá de mim sua familia quando se recusar a satisfazer-lhe a vontade? Attenda bein esta circumstancia. Não se lembra que vae magoal-a profundamente? de que não me perdoará ser a causa da sua recusa? Animo, sr. Leonel, e creia que o auxiliarei com toda a minha estima a supportar o peso da sua cruz.

Bertha estava commovida e os olhos marejavam-se-lhe de lagrimas. Não era indifferente, com certeza: aquellas lagrimas, a agitação que a dominava, a debil defeza que apresentava, tudo indicaria a um outro, que não fosse Leonel—um seminarista acanhado que pela primeira vez fallava de amor—que Bertha era escrava das conveniencias.

Se não fosse o desejo que os paes nutriam de que elle abraçasse o sacerdocio, ter-lhe-hia dito que o amava com ardor.

Orphã de pae e mãe aos doze annos, o avô, que era um espirito cuidadosamente cultivado, levou-a para casa, e na creança, que da mãe herdara as tristezas scismadoras e a enfermidade que a arrastara á se-

pultura, começou a talhar um modelo de mulher dedicada e honesta, ao mesmo tempo que combattia o germen da doença fatal.

Bertha amava-o, mas entendia que as afeições da familia de Leonel não deviam ser sacrificadas á que lhe agitava o peito, embora fosse anniquilada pela amargura do isolamento a que se condemnava. A rigidez de principios em que seu avô a educára assim o exigia.

Depois de uma péquena pausa continuou:

—Pois não se lembra de que seus paes haviam de dizer que me deixára arrastar pela sua riqueza? Depois o sr. Leonel, perdoe-me a sinceridade, compenetrava-se, a final, de que eu não valia os desgostos motivados pela sua recusa... Uma coisa naturalissima, bem vê... O seu cavalheirismo não lhe permittia declarar-me que era forçoso esquecer o passado... Dava-me então a esmola do seu amor.—Para esmola, era muito—para me merecer, era pouco...

—E' uma resolução formal?

Bertha disse vagarosamente, com um esforço violento:

—E'...

—Então... adeus...



Tomada de receio, palpitante, procurando ler-lhe nos olhos o que se passava na alma, Bertha perguntou-lhe:

—O que vae fazer?

—Volto ámanhã para o seminario e antes do fim do anno estarei irremediavelmente ligado á egreja, se até lá a saudade não me matar. Applaudes o sacrificio?

Era tão dolorosa e amarga a interrogação de Leonel, tão pungente o desespero que denunciava, que Bertha sentiu-se esmagada como se lhe fizera uma accusação terrivel.

Mentir era commetter um crime: condemnar Leonel a ser padre, forçal-o a renunciar aos prazeres da vida, ás castas alegrias da familia, era transformal-o n'um morto vivo, era dizer ao coração cheio de amor que não amasse, á alma que não sentisse.

Podia acaso o respeito pela vontade da familia obrigar-os a um longo e penoso suicidio? Chama-se a isso o dever? Não será antes o crime?

E com o peito a trasbordar de amor, pallida pela commoção, vencida por aquelle enorme soffrimento, tomando-lhe as mãos e estreitando-as febrilmente, exclamou:

—Ainda não comprehendeu que o amo, sr. Leonel?

\*

\* \*

O estudante voltou a casa cantando e as-sobiando, plenamente satisfeito, sem se importar com as perdizes, que levantavam o vôo das moitas para pousar nos trigaes, que alternavam a cultura com o milho de verdes penachos ondulantes. Nos lameiros, vacas de raça *barrosã* e pequenos cavallos vermelhos da Beira ruminavam pacificamente, enquanto que bandos de aves torneavam no espaço, enchendo-o de alegria.

Um apetite devorador ao almoço. O estomago não se dava mal com a felicidade do coração e á medida que comia e bebia, entretinha-se com a familia em largas expansões, contando anedotas de frades e de estudantes, a que o pae achava uma graça infinita.

Após o almoço conferenciou com a irmã,

dizendo-lhe que não podia ser superior á paixão e estava disposto a casar com Bertha, concluida a formatura. Em seguida declarou aos paes que, além de esfriar progressivamente a vocação para o sacerdocio, estremecia perante a animosidade com que a época tratava os padres, a quem o vulgo ignorante odiava, sem distinguir o verdadeiro do falso, o trigo do joio. Só para lhes acatar a vontade se ordenaria, pois tinha receios do futuro, sendo violentado a abraçar uma carreira que lhe era antipathica. Estava resolvido a doutorar-se, se a familia consentisse.

Houve ralhos, ameaças, e á noite, como vimos, formou o capitulo, onde o regedor deu provas de que era homem de animo duro e agarrado ás suas opiniões como um politico *raffiné*. O homem tinha a mania das missas cantadas e das festas espectaculosas, e queria á viva força que o afilhado se ordenasse.

Leonel, detraz da cortina, assistiu á controversia recheada, abarrotada mesmo, de furibunda rhetorica, impando de logares comuns respigados no jornalismo faccioso; e comprehendeu que era preciso contrabalan-

çar a influencia do seu implacavel padrinho, o regedor façanhudo.

Na manhã seguinte dirigiu-se ao passal: fez um cumprimento galanteador á Antonia da Rosa,—uns vinte e dois annos que fizeram andar á roda a cabeça de um morgado e não sei quantos bachareis em philosophia, por causa dos seus bellos olhos garços e da tez macia como petalas de camelia—, deu-lhe um apertado abraço, que ella aceitou com um sorriso malicioso nos seus beiços humidos e vermelhos, entrando ém seguida na casa de jantar onde o padre almoçava pachorrentamente.

—Já te esperava, disse elle quando Leonel assomou á porta. Chegaste antes de hontem e não é sem tempo que vens vêr-me. Fui visitar-te e tinhas saído para a caça. Parece que trazes agora muito apurados os instinctos venatorios!

—O que quer que eu faça, sr. padre José? O seminario é como que um tumulto, e, ao sair, sente-se o desejo de aspirar á larga o ar que lá nos falta.

—Sim, sim, póde ser isso, volveu o prior com a bocca cheia de um pedaço de carneiro guizado, mas se o olho me não mente...

Eu tambem fui rapaz e sei o que são essas coisas. . . Tem os seus perigos os dezoito annos. . . Mas, olha cá, Leonel, tu não vieste a esta hora só para visitar-me. Dize lá o que queres.

O padre José era respeitado na aldeia pela franqueza, que o caracterisava, e pela assiduidade no cumprimento dos seus deveres de parochó. Podia estar rico e era pobre, apesar dos quatrocentos mil réis e do pé d'altar, porque distribuia a mãos largas pelos pobres da freguezia o que lhe sobrava das despezas caseiras.

Quando passava ninguem deixava de o cumprimentar:— Sr. prior para aqui.— Sr. prior para acolá.— Como está v. s.<sup>a</sup>?— V. s.<sup>a</sup> quer entrar?— Um côro de offerecimentos sinceros.— E se um rancho de creanças o encontrava? O padre José era cercado de diabretes apostados em beijar-lhe a mão ao mesmo tempo, rindo-se, gargalhando e empurrando-se uns aos outros. Para todos tinha uma pergunta:— Tua mãe está melhor, José?— E tu, Florindo, porque faltaste hontem á escola?— Viva lá, Rosa! a tua avó já se levanta?— Como vaes das tuas sezões, Manuel?

Reatemos a palestra.

—É verdade que não pensei em visital-o.

—Adivinhei ou não?... Ou tu não fosses um ladino levadinho da bréca! Não te agradou o capitulo? O regedor bufava como um boi. O demonio do homem, se o deixassem, ressuscitava o cabralismo. Correias, ou Brazil! Oh! oh! oh! Tu devias ser um grana-deiro de espavento! E o Brazil? Grande idéa! grande idéa:

O padre José enguliu duas garfadas de carneiro e proseguiu:

—Querem vestir-te a sotaina á força! Isso diz-se, mas não se faz! Senta-te e conversemos a preccito. Então ella, se não é segredo, chama-se...

—Não tem nome...

—Anonyma! Isso agora é mais serio! Temos platonismo á ultima hora? moura encantada? pastorinho e frauta rude na serra? N'esse caso, és um idiota, e vae dizer a teu pae que mande ensinar-te um officio. Platonismo no campo, rapaz! Já lá vae o tempo em que os rouxinoes morriam a cantar. Com estas bellas manhãs e tardes deliciosas, em que o sol afoga em luz as varzeas e os serros, e as raparigas, vermelhas como

romãs, bellas, alegres, petulantes, enlouquecem a cabeça dos da tua idade, vens fallar-me em idyllio... És um chapado idiota n'esse caso.

E o padre José ria muito contente de si e das phrases pomposas que arranjava. Ha alegrias communicativas, e a do prior era d'essãs. Leonel acompanhou-o e fizeram tal algazarra, que despertaram a attenção da Antonia do Rosa.

—Não é nada, não é nada. Vae á tua vida... Toma lá, bebe um copo de vinho, e continuemos. O nome fica para o fim. Quantos annos tem?

—Não sei, padre José.

—Olha bem para mim. Ensandeceste... ou estás a caçoar commigo?

—Nem uma, nem outra coisa: ainda não lhe perguntei a idade.

—Formosa, hein?

—Formosa e adoravel.

—Vaes entrando no bom caminho. Alta ou baixa?

—Alta.

—Clara ou morena?

—Morena.

—Lá vae a adivinha. É morena, bonita e

mora no valle: tem dezeseite annos e chama-se Bertha. Adivinhei ou não?

—É verdade.

—Julgavas que fazias o ninho atraz da orelha do padre prior? Quando pela Paschoa recusaste, com muito boas palavras, ajudar-me na egreja, percebi que havia mouro na costa... Tambem fui á caça e atinei com o ninho.

—E o que me diz, sr. padre José?

--Tens bom gosto, e não vaes mal. É preciso, porém, abrandar as iras do padrinho regedor, a quem teu pae obedece, não sei por que rasões. Veremos, veremos... O que não se faz em dia de Santa Maria faz-se em outro dia.

\*

\* \*

Estavam a terminar as férias e o regedor resolveu abordar novamente o assumpto.

Entrou uma noite em casa de Sebastião dos Reis. Já lá estava o prior, que era infallivel; costumara-se áquellas duas horas de cavaqueira, enquanto as mulheres pon-



teavam a roupa branca como a neve, ou fiavam a roçada de linho da sementeira da casa, e, de tal modo se inveterara o habito, que só por motivo de força maior deixaria de apparecer.

Mal se sentou, o regedor começou a enrolar um cigarro para mascarar a impaciencia, que o aguilhoava, de entrar logo na materia. Accendeu-o, tirou duas fumaças, afugentou o gato, que se lhe roçava pelas calças de briche, e depois perguntou pelo Leonel.

—Sain ha pouco; de certo está na botica.

—Então sempre vae para o seminario?

Effeito d'uma bomba. Sebastião dos Reis fez uma careta, a mulher sentiu comprimir-se-lhe o coração, e Margarida não poude conter o *hum* secco, mas deveras eloquente, que salta involuntariamente aos labios arqueados em tom de desprezo.

Fez-se silencio, apenas interrompido pelo chiar da panella de ferro, que estava ao lume, e pelo raspar impertinente do gato, que afiava as unhas no caixão de castanho onde o regedor se sentára.

—Sape, carochó! exclamou elle, batendo uma palmada na perna.

O silencio continuou.

—Então, compadre, o que diz vossê?

—O que hei de dizer-lhe? O rapaz está teimoso e não ha quem o faça mudar de tenção.

O padre José aconselhou-os a que accessassem á vontade de Leonel, em termos brandos, suasorios; mas o regedor, retorquiu ferozmente, não se deu por convencido, allegando no fim que era padrinho do rebelde e *ipso facto* a sua opinião tinha direito a ser respeitada.

Volveu o padre em tom azedo, com superabundancia de textos latinos, e o regedor, que não estava com os seus azeites, por mais de uma vez arrenegou do latim em portuguez muito claro e escoreito.

—Então o que quer vossê? perguntou o prior em oitava alta, porque começava a causar-lhe engulhos aquella tenacidade asinina. Vossê não governa n'elle, vossê não é o pae. Ninguem o póde fazer padre á força. Quer que elle seja um valdevinos que deshonne com as suas loucuras a egreja e a familia?

—Deixe-se de cantigas, sr. padre José. O rapaz ha de ir para o seminario, porque é tempo de acabar com umas tolices que

lhe fazem andar a cabeça a rasão de juro. Quer saber por que perdeu elle a vontade de ordenar-se? Por causa do namoro com uma delambida, que ninguem conhece, que ha tempos mora na quinta do Morgado, junto ás terras do mariola do Manuel Paredes. O maroto, com a desculpa da caça vae pespegar-se todos os dias em casa d'ella e talvez lá esteja a esta hora. Já é não ter vergonha!... Aquillo deu-lhe mel pelos beijos... enguiçou-o... ou fez-lhe o diabo que a leve... Bem lhe dizia eu, compadre, que havia grande novidade... Eu bem lhe dizia!... Aqui anda namorico que sabe que o pae aveza o seu vintem e quer pescar nas aguas turvas. Mas ha de estalar-lhe a castanha na bocca...

Era a sua phrase favorita, o *grand clou* das suas objurgatorias.

—A rapariga, pelos modos, é da cidade, é uma fidalga... sem real. Alguma finoria que se lembrou de calçar e comer á sua custa, compadre. Não me servem estes contrabandos, acho-a fidalga de mais para o Leonel. Isto leva agua no bico... mas protesto á mão de Deus Padre que ha de estalar-lhe a castanha na bocca. Então isto é

roupa de francezes, é para a primeira que lhe fizer umas bichinhas gatas e disser palavrinhas doces? Não está mau o calculo, não, senhor, mas eu lhe juro que ha de estalar a castanha na bocca da que se pentear para elle. Ha de estalar e ha de estalar, tenho dito.

—Acabou? perguntou o padre José. Pois, meu amigo, fique entendendo que de hoje para o futuro está prohibido de referir-se menos favoravelmente á menina a quem acaba de alludir. Não discuto comsigo, nem quero apreciar se o Leonel procede bem ou mal. Fica-lhe prohibido, entenda-me bem, de insultar uma menina que é neta d'um dos homens mais honrados que eu conheço. E' orphã e o pobre velho está com os pés na cova: não tem um irmão que possa desafrontal-a, mas estou eu aqui, e não tolero que deante de mim se macule a sua honestidade com supposições, que, mais do que a ella, vão ferir quem as inventa!

O regedor, embezerrado, fulo, resmungava surdamente umas desculpas.

—Desejo que a lição lhe aproveite. Olhe que lá por fóra dizem umas coisas menos limpas a seu respeito.

—Então o que é, sr. prior? Talvez o mariola do Manuel Paredes. . .

O Manuel Paredes, candidato a regedor com todos os partidos, era a espinha que de ha muito lhe andava atravessada na garganta, e o nosso homem votava-lhe um odio de morte.

Então o padre José teve uma inspiração sublime: estava ganha a batalha. Havia de vencer o regedor pelo ridiculo.

—Vossê não ignora que sou amigo particular do ministro do reino? Pois esteja certo de que, se não põe ponto na conversa, o mando exonerar e escolho para regedor...

—O Manuel Paredes? . . .

A estocada deu em cheio: arregalou os olhos, recuou dois passos, como que resolvido a desancar o prior, e, fazendo meia volta, desapareceu como um foguete, estonteado, perdido, perante a tremenda ameaça de ficar sem o penacho.

—E agora sabe o que lhe digo, sr. Sebastião dos Reis? Vossê está convencido de que o Leonel não deve ser padre. Uma sangria na burra e mande-o doutorar-se. Sempre é bem melhor do que estar á espera dos que nascem ou dos que morrem, para ter

que comer... Eu mesino vou acompanhá-lo e recommendá-lo-hei a uns amigos. Está decidido?

—Ora essa, sr. prior!

—E a respeito do namoro, deixe lá o rapaz, que não se perde.

\* \*

Repetiam-se as visitas ao valle, e os dois namorados passavam juntos horas esquecidas, n'um *tête-à-tête* de arroubamentos indiscriptiveis, repetindo mil e uma vez as promessas de amor, sem que Ricardo de Sousa, quasi sempre impossibilitado de erguer-se da poltrona, tivesse notado a afeição que prendia a neta ao moço estudante.

Corriam os dias serenos e descuidados, augmentavam os encantos de Bertha, acariciada pelo amor, que tornava menos saudososa e aborrecida a solidão em que vivia.

Terminava o mez de setembro no proprio dia em que o regedor sahia espicado de casa do Sebastião dos Reis, e an-

bos ficaram muito pesarosos pensando na ausencia a que iam ser condemnados. Era forçoso que Leonel proseguisse os seus estudos e ella ficava só outra vez, sem ter uma amiga com quem conversasse a seu respeito, confiando-lhe uma por uma, repetindo-as sempre, todas as ardentes impressões da sua alma de fogo.

A ausencia não era grande, objectava Leonel para a animar. Dois mezes e meio apenas, porque voltaria pelo Natal. Que tivesse a certeza de que a amava com ardor e não a esqueceria um momento. E Bertha, muito perturbada, envermelhecida pela agitação, obrigava-o a repetir as promessas, e depois, de mãos dadas, no recolhimento de um silencio mais eloquente que a palavra, olhavam-se demoradamente, como que a perguntarem aos olhos, se os labios não mentiam ao coração.

Na tarde seguinte Leonel participou a Bertha que estava finalmente vencida a repugnancia dos paes e que ia para Coimbra formar-se em direito.

Ella mostrou-se muito contente por saber que já não o obrigavam a seguir uma carreira que seria a infelicidade de ambos;

mas ao mesmo tempo um presentimento doloroso toldou a suave alegria que brilhava nos seus olhos. Ia para Coimbra, a Babilonia da mocidade, onde seria tão facil esquecel-a. . .

Teve, porém, animo e sorriu em toda aquella tarde, embalada pela carinhosa esperança de que não se realisaria o presagio terrivel, que por momentos lhe opprimira o coração.

Na vespera da saída Leonel foi despedirse. O sol no occaso, similhando uma gigantesca rosa de topasio, peneirava atravez a folhagem e os troncos purpureados do arvoredo a sua poeira de ouro. Ao longe, no salgueiral embalado pela aragem perfumada, o rouxinol trinava um canto de amor. . . e os dois amantes, aproximando-se um do outro, machinalmente, irresistivelmente, levados pela excitação dos sentidos, que acordavam com todo o vigor da sua mocidade, trocaram um longo beijo mudo. . . E, vermelha, enleuada, disse-lhe o ultimo adeus, enxugando as lagrimas que se lhe desprendiam dos olhos castos e brilhantes, d'onde a candura se evolava como n'um mysterioso effludio.



\*

\* \*

Na universidade Leonel alcançou, após a primeira lição, a fama de estudante distincto e era com legitimo orgulho que a familia recebia as informações dadas pelo padre José e as communicava a quantos lhe perguntavam por elle.

Bertha, muito feliz e enthusiasmada com os triumphos do namorado, aguardava com anciedade a epocha das férias para matar as saudades, embora cambiassem longas cartas, em que faziam e repetiam calorosos protestos.

Até no regedor se operou uma transformação completa: chegára ao enternecimento de perdoar ao padre José a ameaça de substituil-o pelo «mariola do Manuel Paredes», e engrossava a voz, para que todos o ouvissem bem e invejassem á sombra da gloria do estudante, quando exclamava:—Leonel, o meu afillhado, tem fama na universidade. Dá agua pela barba aos lentes!

Se conquistava a classificação, que trazia

alvoraçada a familia, Leonel era tambem a primeira cabeça leve, sempre prompto para a troça, um grande esturdio, impellido pela ancia do prazer, em compensação da terrivel clausura a que estivera sujeito no seminario.

Como a borboleta procura a luz, que a deslumbra, e vem por fim a queimar-lhe as azas de neve, Leonel estonteava-se com a liberdade ruidosa em que de repente se encontrara; e, quem o visse em Coimbra, não encontraria n'elle aquella suave transparencia das almas infantis, que tornavam limpidos e castos os idillios do valle, á sombra dos velhos carvalhos, entre o perfume das rosas, quando no salgueiro o rouxinol desferia o mais fulgente dos seus hymnos de amor.

Deixou-se levar na vertigem do prazer, que o attraía como um sortilegio diabolico, como fascinação irresistivel. Um dia encontrou-se com uma d'essas raparigas encantadoras, que se namoram das noites de luar. Era tal a fascinação d'essa creatura fragil e meiga, que tinha no olhar os filtros que embriagam, nos labios frementes o calor que entontece, boninas do céu abrazadas

pelo sol do amor, rosas desfolhadas ao dardejar da ventania das paixões; era tal a fascinação, que o estudante deixou-se deslumbrar como a borboleta offuscada pelos raios faiscentes.

Quando chegaram as férias do Natal foi com pesar que saiu de Coimbra, e já não era tão demorado nem tão assiduo nas visitas á quinta, onde Bertha o aguardava impacientemente. E, vendo esfriar o seu amor, lembrou-se dos funestos presentimentos que a assaltaram quando lhe disse que ia doutorar-se, e começou a soffrer em silencio as amarguras do abandonõ a que Leonel parecia condemnal-a.

E ao contemplar a nuvem de melancholia que lhe toldava o rosto sereno, e o sorriso doloroso que lhe encrespava os labios desmaiados, Leonel começou a sentir remorsos; tentou de novo evocar a imagem que fôra a deliciosa companheira das suas vigílias, a visão que lhe povoava as noites na impoñderabilidade de sonho. N'uma synthese atroz, prescrutou o enorme soffrimento que havia de retalhar aquella pobre alma enamorada, e jurou abandonar esse amor facil de rosa desfolhada pelo dardejar da ventania das

paixões, em que se deixára prender por momentos com uma fragilidade sem nome.

Na vespera da sua partida para Coimbra mostrou-se muito ardente e fallou com enthusiasmo do futuro: deram largas á phantasia em extasis impeccaveis, e Bertha, entre duvidas e esperanças, chegou a esquecer os receios que a torturavam.

\*

\* \*

Uma tarde, dois dias antes das férias da Paschoa, Bertha estava sentada no jardim, idealizando as castas alegrias do porvir, quando o criado lhe entregou uma carta vinda de Coimbra. Teve um presentimento horrivel. A lettra não era de Leonel.

Diziam-lhe, n'uma nudez brutal, que elle tinha uma amante e que em breve seria pae.

Não ha palavras que pintem a contracção da sua immensa agonia: soluçava, as lagrimas rolavam em abundancia pelo rosto pallido, porque o sangue refluiria todo ao coração.

A duvida, esse veneno corrosivo que se lhe infiltrára na alma, convertera-se n'uma realidade cruel: era certo que estava abandonada.

—E agora o que me resta? perguntou ella, enxugando as lagrimas e levantando-se.

Era sinistra e lugubre, embora tranquilla, a maneira como interrogára o coração. Um pallido sorriso, em que muitas vezes se resume um pensamento devorador, affluir-lhe aos labios tremulos, e os olhos arrazaram-se-lhe novamente. Chorou.

Depois do abatimento em que se amaras-mára, succedeu a reacção febril. Oh! se ella podesse, com que prazer retalharia a chicotadas as faces da rival que lhe roubára Leonel! Como se sentiria satisfeita vendo correr o sangue dos golpes vibrados com a febre do ciume, que alimentava!

Livida, sombria, as mãos cerradas n'uma crispatura convulsa, atravessou o jardim, semelhante a uma d'essas estatuas que representam a dôr nas suas mais pungentes manifestações.

Recolheu-se ao quarto: ardia em febre.

Uma visão sinistra preocupava-a horrosamente.

Via Leonel nos braços de outra mulher, n'uma promiseuidade de carieias. E, por mais que ella cerrasse os olhos, que pretendesse afastar esse quadro que a fazia enlouquecer, as linhas tornavam-se mais nítidas, as côres avivavam-se como um clarão sinistro. Não, não queria ver, mas era fatalmente impellida para o abysmo, como o padacente é obrigado a caminhar para o cadafalso.

O dia seguinte foi de mortal angustia para Ricardo de Sousa, preso ao leito pelas suas dores.

Avisado pelo medico, o padre José appareceu na quinta: Bertha delirava, não o reconheceu.

No chão estava a carta: leu-a e comprehendeu então a gravidade do mal.

Leonel devia chegar n'esse dia. Talvez ainda fosse tempo de salvá-la. E partiu para a aldeia a todo o galo.

Junto ao passal estava o estudante apeando-se da diligencia; convidou-o a entrar e entregou-lhe a carta que surprehendera no quarto de Bertha.

—Lê, e has de explicar-me o que isso quer dizer.

Leonel empallideceu.

—E' verdade?

—E'.

—E não terás remorsos de matar aquella pobre creança? Quem escreveu esta carta?

—Não posso suppor-o. Mas Bertha...

—Infelizmente tem conhecimento d'ella.

—Meu Deus! que vergonha!

—E que arrependido estou de haver concorrido para esta desgraça. Que ligação é essa? Como te julgaste auctorizado a constituir familia? Não te lembraste de que ias causar o infortunio de duas raparigas?

—De duas, não; de uma póde ser, e Deus é testemunha de quanto soffro n'este momento. Essa ligação de nada vale, e, a troco de umas libras, tudo ficará sanado.

O padre José serenara um pouco: renascia a esperança.

—Com que então não póde, como Lucrecia, derrubar o throno dos Tarquínios? Do mal o menor. Partamos immediatamente para a quinta; desfaz esta maldita embrulhada, porque só a tua presença póde salvá-la. E olha que bem merece todos os esforços que para isso fizeres.

\*

\* . \*

Após a beberagem que o medico receitara, Bertha ficou mergulhada em somno profundo. Como estava amortecido o rosto ainda ha pouco formoso e adoravel, abatida aquella debil compleição!

Leonel sentou-se á cabeceira do leito.

Era noite: as ondas de luar entravam desafogadamente pela janella, o aroma das rosas inundava o ambiente. Reinava um silencio profundo e melancolico, apenas interrompido pela respiração agitada da enferma, ou pelo canto longinquo do rouxinol.

Então Leonel sentiu o espinho do remorso; a consciencia fez-lhe medir a grandeza do crime.

A sós comsigo, e n'aquella solidão que tinha alguma coisa de lugubre, pois a fronte carinhosa da amante estava vellada por uma pallidez cadaverica, accusava-se d'essa desgraça, que parecia irremediavel.

Sinistros pensamentos lhe agitavam a



alma, e ás vezes chegava a convencer-se de que a razão ia offuscar-se para sempre. Prestes a quebrar-se o fio d'esta existencia, que viera surprehender no repouso d'aquelle asylo, como o abutre á ave indefeza que descansa á sombra da folhagem, Leonel desejava que a morte o ferisse no momento em que Bertha soltasse o ultimo suspiro, se era certo que toda a esperanza estava perdida.

Suores frios lhe inundavam o corpo; estrangulava-o o remorso, acobardava-o a enormidade do crime.

Entre duvidas e esperanças, hesitações e amarguras, correu a noite.

De madrugada o delirio apossou-se de Bertha. Estava proximo o desfecho; a sua debil compleição era impotente para resistir; á crise terrivel havia de succeder-se a loucura ou a morte.

O horisonte começava a tingir-se de vermelho, purpureavam-se as folhas das arvores d'onde os raios do sol arrancavam fulgores deslumbrantes, os passarinhos chilreavam alegremente saudando a formosa manhã.

Leonel aproximou-se do leito, Bertha tomou-lhe as mãos.

—Tu aqui, como te agradeço! É certo que não estou muito doente? Vamos descer ao jardim? Quero ver as minhas rosas ostentando os seus collares de perolas do orvalho... Vamos, Leonel?... Dize... é certo que me amas muito, amas muito a tua Bertha?

De repente soltou um grito, refugiou-se no extremo do leito, tremula, e estendendo os braços como que para desviar a pavorosa visão que a perseguia, exclamou:

—Foge, foge! não me mates! Acudam-me!...

Com o olhar espavorido, as mãos crispadas, permaneceu alguns instantes immovel. Depois cerrou os olhos, a respiração tornou-se mais offegante e um meigo sorriso lhe illuminou os labios.

—Parecia-me que ia enlouquecer. Abre a janella... quero beber o ar puro da manhã para mitigar a sede que me abraza o coração. Olha para aquella nuvem franjada de ouro... Como é linda! Parece um pequenino berço de arminho... Para onde irá?

Apertava-o contra o peito anhelante e quasi nu, e queimava-o com os seus beijos de fogo.

Ajoelhou e cravando o olhar chammejante no espaço azul, proseguiu :

—Ha de ser tão formosa como esta a manhã do nosso noivado. . . Olha, a nuvem branca já desapareceu. . . vae continuar a sua viagem no desconhecido, pobre berço errante. . . O céu está limpido e a brisa agita suavemente a rama do pinheiral. . . Tão formosa aquella borboleta côr de fogo, que alli esvoaça. . .

Estreitava-o nos seus bellos braços nus, beijava-lhe o rosto e os cabellos com uma exaltação crescente.

—Oh! como te amo!

E inclinando a fronte para o peito do amante permaneceu alguns momentos silenciosa, como que entregue a um mystico arrebatamento.

—Abre mais a janella, quero ver bem o céu.

O quarto encheu-se de luz e Leonel voltou para o lado de Bertha com a esperança de que a crise seria vencida.

Mas. . . a visão sinistra apresentou-se outra vez, e mais violenta, e, soltando um grito dilacerante, entre convulsões tremendas, a bella cabeça da amante caiu inanimada sobre as rendas do travesseiro.

\*  
\*   \*

Leonel fugiu, levando na alma uma desesperação enorme. Quando passava defronte do quarto de Ricardo de Sousa pareceu-lhe que entre soluços e gemidos, o infeliz velho lhe chamava assassino.

Assassino! assassino!

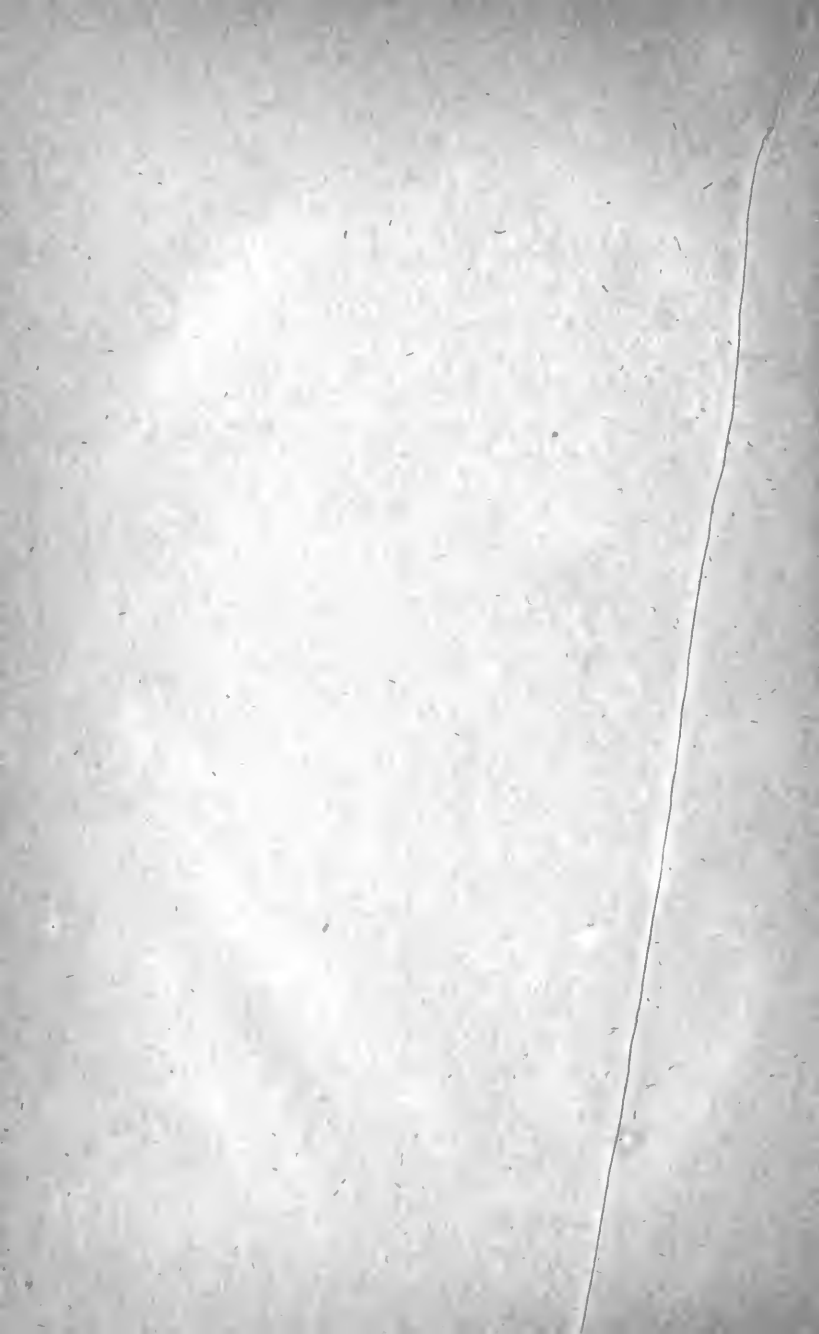
E não cahia fulminado por esta accusação terrivel!

\*  
\*   \*

—Quem esperaria este triste desenlace, sr. padre José! dizia o regedor á saída do cemiterio, onde tinham ido acompanhar o cadaver de Bertha.

—E' verdade! volveu o padre com os olhos envermelhecidos de lagrimas, que disfarçadamente enxugara. Quem previniria este desenlace? Sinto remorsos... Devia ter attendido á educação de Leonel. Arrancado

ao mimo da mãe e da irmã, foi para o seminário... Era um homem com a alma de criança... e a liberdade estonteou-o, enbuqueceu-o para sempre... Adeus, vou ver o Ricardo de Sousa: é bom que após a piedosa missão de enterrar os mortos, não esqueçamos os vivos.



# **O CANTO DA CIGARRA**

(FERNAND BEISSIER)





## O CANTO DA CIGARRA

*Vem rompendo a manhã. A aragem embala carinhosamente a herva e as papoulas vermelhas. Os regatos deslisam atravez os prados orvalhados. As aves saem dos ninhos. Uma calhandra canta na extrema de um campo de trigo.*

*A Calhandra.*—Piú, piú, piú! Vem rompendo a aurora. Deixae vossos ninhos, oh doces companheiras; abri vossos calices perfumados, rosas da manhã. Piú, piú, piú! Desperta. A fonte murmura. Se soubesseis como é boa a agua clara e fresca! Piú, piú, piú! Acordae, preguiçosos.

*Os Grillos.*—Crri, crri, crri! Vamos atra-

vez a herva humida beber as perolas do orvalho que engrinaldam as folhas, e dar os bons dias ás formosas margaritas.

*Um Melro* aliza a plumagem na borda do ninho.

Passa *Um Estorninho*.

*O Melro ao Estorninho*.—Bons dias, amigo. Já em correrias!

*O Estorninho*.—Ainda dormem no casal. O pomar está deserto, e descansadamente poderei bicar as magnificas cerejas que hontem me fizeram nascer agua na bocca.

*O Melro*.—Que sejas feliz.

*O Estorninho* levanta o vôo.

*Dois Tentilhões*, alegrotos, voltam aos ninhos.

*Uma Pega* afasta os ramos, que fecham a parte superior da sua vivenda aerea.

*O Melro* cumprimenta-a abaixando a cabeça.—Bons dias, vizinha.

*A Pega*.—Bons dias, vizinho.

*O Melro*.—Dormiu bem?

*A Pega*.—Não pude conciliar o somno. Ha aqui por cima, na espessura da folhagem, um ninho de toutinegras, e toda a noite dois rouxinoes estiveram a cantar-lhes trovas. E o que faz a policia? Estes abusos

deviam ser absolutamente prohibidos. É escandaloso! Uns mandriões, como esses dois pelintras, virem dar serenatas a umas vagabundas — quando a gente honrada dorme e repousa dos pesados trabalhos do dia.

*O Melro.*—É' isso mesmo, tem muita razão.

*Uma das Toutinegras,* um pouco envergonhada, passa junto d'elles abaixando a cabeça.

*A Pega.*—Veja! A sonsa! Parece que não quebra um prato. Que estúpido é este mundo e como são dignas de dó as pessoas da nossa classe!

*O Melro.*—A quem o diz . . .

*A Pega.*—E a nossa nova vizinha, já a viu?

*O Melro.*—Quem? esse insupportavel animalzinho que chegou hontem pela sesta, quando todos repousavamos?

*A Pega.*—Estava tanto calor . . .

*O Melro.*—Vi, e ouvia-a pormal dos meus peccados. Não fez outra coisa senão cantar.

*A Pega.*—Sabe quem seja, vizinho?

*O Melro.*—Uma vagabunda, uma miseravel aventureira. A formiga poz-me ao facto da sua vida. É um animal extravagante,

chamado Cigarra, que canta todo o santissimo dia, descuidada, morrendo muitas vezes de fome. Uma descarada pedinchona, a quem a formiga, cansada de a.aturar, um dia mandou dançar. Tambem, é o que lhe falta.

*A Pega.*—Fez ella muito bem. Obrigada pelo aviso. Já sei o que hei de dizer-lhe, se alguma vez vier chorar-me miserias. É preciso muita cautela com estes intrusos. Deixamo-nos illudir tão facilmente com as suas lagrimas — e como elles sabem explorar a nossa bondade!

*A Pega* levanta o vôo, e, de arvore em arvore, conta ás companheiras tudo o que acaba de saber da recém-chegada, com os respectivos commentarios.

\*

\* \*

*Nove horas da manhã. Reina grande agitação na colonia. Tudo falla da recém-vinda. Continuam as bisbilhotices da pega, e a pobre cigarra é olhada com desconfiança. Um velho papagaio,*

*antigo juiz de paz, chega a aconselhar que a expulsem.*

*A Cigarra* canta alegremente, pousada n'um ramo:

Nasçi quando o rouxinol  
Sobre a ramagem se ouvia:  
Abril nos prados floria,  
E foi meu padrinho o sol.

O tempo não m'importuna,  
Amo de Flora a estação,  
Eu que na minha canção  
Resumo a minha fortuna.

*O Estorninho*.—Não canta mal.

*O Melro*, assobiando.—Assim. assim.

*O Tentilhão*, trauteando:

Eu conheci uma rosa,  
Que toda'a noite velava...

*O Pintarroxo* obriga-o a calar-se com um risinho de escarneò.

*O Papagaio*, solemnemente.—Ha muitos annos já, ouvi... (Conclue a phrase em voz baixa, só ouvida pelo visinho do lado).

*A Toutinegra.*—Coitadinha!

*Os Rouxinoes.*—Se ella soubesse!

*A Pega.*—Ora essa! Era o que nos faltava. Cantores e preguiçosos não faltam por cá.

Dirige-se a um outro bando de aves.

*A Cigarra,* espreitando-os. — Escutame. Não são tão maus como poderia supôr-se.

Continúa:

Sou voluvel, e a cabeça  
Pesa menos que uma folha;  
Nunca vi, por mais que peça,  
Um ninho que me recolha.

Sem desejos, sem ciumes,  
Nunca pensei um instante  
Em mudar os meus costumes,  
— Esta vida extravagante!

*A Pega,* dirigindo-se ao bando a que se juntou.—Não lhes dizia eu!

*A Cigarra* põe a sua pequenina bandeja no chão. Mas, a um e um, os passaros, indifferentes ou desdenhosos, levantam o vôo.

*Os Rouxinoes.*—E não temos uma migalha para dar-lhe! É bem triste ser pobre!

As *Toutinegras* dizem timidamente ao papagaio que está perto d'ellas.—E se nós lhe dêssemos alguma coisa?...

O *Papagaio*, gravemente.—Não devemos ajudar esta gatinha: é um crime alimentar o vicio.

A *Cigarra* olha dolorosamente para a bandeja vasia.—Por toda a parte o mesmo?...

\*

\*   \*

*Duas horas da tarde. As aves, fartas, repousam ou conversam nos ninhos, na frescura da sombra. Na margem do ribeiro — em cujas aguas cristalinas se espelham as casinhas brancas cercadas de campainhas e papoulas de todas as côres — as lavadeiras, de mangas arregaçadas e fortes braços queimados, molham a roupa, que em seguida vão estender ao sol. Traz! traz! batem a roupa nas pedras luzidias. A agua salta e, aos raios fulgentes do sol, semelha uma chuva de diamantes e de perolas azues e vermelhas.*

Os *Rouxinoes*, que trouxeram consigo a cigarra, offerecem-lhe o que reservavam para o jantar do diâ seguinte.—Come! come, sem receio, pobre cigarra.

*A Cigarra* com os olhos razos de lagrimas.—Oh! como sois generosos!

*Os Rouxinoes*.—Mas muito pobres.

*A Cigarra*.—Julgaes então que deva ir-me embora, que não poderei viver aqui?

*Os Rouxinoes*.—Como és infeliz! Amanhã todos estarão indispostos contigo.

*A Cigarra*.—Que mal lhes faço eu?

*Os Rouxinoes*.—Cantas. Eis o teu crime. Invejamos o teu cantar. Aborrecem-te porque não és, como elles, grave, solemne e hypocrita.

*A Cigarra*.—Mas hontem fizeram-me bom acolhimento.

*Os Rouxinoes*.—Porque não sabiam quem eras. Aqui não ha senão indifferentes, desdenhosos, ou maus. Os que poderiam amar-te, comprehender-te, ajudar-te, são humildes e pobres. São escarnecidos e aborrecidos como tu. Esquecer-te-ha o estorninho, e o melro ha de criticar-te. O tentilhão é um vagabundo, que leva a vida a rir. A pega ealumniar-te-ha, e será respeitada como uma escriptura a opinião de um velho papagaio ignorante. Se soubesses o que se diz a nosso respeito? Supportam-nos, mas desprezam-nos. E no dia em que nos encontrarem mor-



tos, no fim do outono, junto a um velho tronco despido de folhas, só a toutinegra verterá uma lagrima e bemdirá a nossa memoria.

*A Cigarra.*—Obrigado, Rouxinoes. Mas, a fallar a verdade, não posso abandonar a minha sina, embora tenha de morrer.

*Os Rouxinoes.*—Bravo! Cigarra, minha amiga. Tens rasão. Animo! Ergue a frente. Valemos mais que todos esses orgulhosos, que occultam sob uma apparente gravidade a sua ignorancia e egoismo.

*A Cigarra* levanta o vôo.

*As Toutinegras* saudam-na sorrindo compassivamente.

Dois pardaes, que lhe deram os bons dias de manhã e a tinham acolhido cordealmente na vespera, escondem-se, tímidos e envergonhados, na espessura da ramaria, receiando ser encontrados a fallar-lhe.

\*  
\* \* \*

*A Cigarra.*—Os rouxinoes não estariam a exagerar o mal? (Olhando em volta.) Experimentemos ainda uma vez.

Recomeça a cantar.

*O Melro*, apparecendo á borda do ninho.  
—Desculpe, menina; minha mulher está doente e os seus cantos podem augmentar-lhe as dôres de cabeça. Se não lhe causasse incommodo ir cantar para mais longe...

*A Cigarra* sobe aos ultimos ramos da arvore e pára junto a um ninho de rolas.—Canta.—Escuta.

Do ninho sae como que um doce murmurio de beijos.

*A Cigarra* continúa a escutar—enxuga uma lagrima, que lhe aljofrava as palpebras:—São felizes! Deixal-os!

Desce.

*O Estorninho e o Tentilhão* palestram n'um ramo proximo.

*A Cigarra*.—Estes não me parecem maus. (Canta):

Com o brando orvalho lento  
A minha sede mitigo,  
E para meu alimento  
Basta-me um bago de trigo.

*O Tentilhão*, vendo-a.—Olá! a cigarra. É gentil esta pequena. Mas é realmente extravagante levar a vida a cantar.

*O Estorninho*, desafiando-o.—Anda d'ahi. Vamos jantar.

*O Tentilhão*.—E depois... á noitinha iremos a casa da viuva de um pintarroxo, muito galante, viva...

*O Estorninho e o Tentilhão* levantam o vôo.

*O Tentilhão*, voando.—E acreditas n'essas historias em que se falla de gente que morre de fome?...

*O Estorninho*.—A viuvinha devia convidar uma das suas amigas...

Desapparecem.

*A Cigarra* vendo-os desapparecer.—Os rouxinoes tinham razão.

\*

\* \*

O sol declina.

*A Cigarra* passa ao lado do ninho da pega. (Canta.)

Quem não me sabe escutar  
Acha-me enfadonha, e tanto...  
Deus fez-me para cantar,  
Aqui está porque eu canto.

*A Pega.*—Vagabunda!

Recolhe ao ninho.

*O Papagaio* passa grave e solenne. Pára e attenta na infeliz cantora. — Cigarra, minha amiga, de que te vale o cantar? Se não te resolves a entrar no bom e são caminho, aguarda-te um futuro bem triste. Ouve um bom conselho: torna-te séria e trabalha.

*A Cigarra* timidamente.—Mas... cantar é o meu destino.

*O Papagaio.*—Essa não é má! Ouves-me cantar, por ventura? (Afastando-se.) Estou convencido de que a lição ha de aproveitar-lhe.

*A Cigarra.*—É assim o mundo!

*Uma das Toutinegras* desce subtilmente, trazendo-lhe um grão de trigo.—Toma, infeliz amiga.

*A Cigarra.*—Obrigado.

*Um velho Escaravelho tropego* passa e estende-lhe a mão.—Uma esmola, pelo amor de Deus.

*A Cigarra*, dando-lhe o grão de trigo.—Toma.

*O Escaravelho* segue sem agradecer.

*A Cigarra* tristemente.—Era tão pouco... não valia a pena.



*O sol está prestes a desaparecer no horisonte. A Cigarra deita-se junto a um macisso de margaritas e os ultimos raios do sol envolvem-na como que n'uma suprema caricia. Envia um ultimo olhar aos ninhos dos Rouxinoes e das Toutinegras, depois, cruzando as mãos no peito, adormece, cantando docemente, como em sonhos :*

Nasci quando o rouxinol  
Entre a folhagem se ouvia :  
Abril os prados floria,  
E foi meu padrinho o sol.

*O sol desaparece de todo e as margaritas inclinam-se para recolher os derradeiros sons.*



*A aurora vem surgindo e arrancando ás sombras os cabeços das collinas. As aves despertam.*

*O Tentilhão e o Estorninho de braço dado, completamente embriagados, rindo a ban-*

deiras despregadas, saem do ninho da viuva do pintarroxo.

—Espera... o que é isto? pergunta o Tentilhão.

—Ora; é a Cigarra que morreu.

A bocca pequenina parece sorrir ainda—dir-se-ia que está sonhando—e sobre a sua cabeça as hastes da herva saccudiram as gottas do orvalho, que brilham ao sol nascente como um diadema de perolas.

Aos gritos do *Tentilhão* e do *Estorninho* as aves correm de todos os lados.

As *Toutinegras* ajoellam e choram.

—Está sonhando, e para sempre, murmuram os *Rouxinoes*—é feliz!

O *Melro* correndo esfalfado.—O que foi? Temos novidade?

A *Pega* voltando ao ninho.—Uma ninharia! Uma Cigarra que morreu!

# A NOITE DE NATAL

(MARIE DE BOSGUÉRARD)

IMITAÇÃO





## A NOITE DE NATAL

Nos paizes do norte, a 24 de dezembro, todos os meninos pobres e ricos, teem uma arvore do Natal disposta aos pés da cama.

De manhã o menino abre os olhos, fecha-os de repente deslumbrado pelo espectáculo e offuscado pela luz, e torna a abril-os muito admirado e sorrindo com uma alegria expansiva.

Velas côr de rosa, brancos e azues, presas nos ramos da arvore, espalham no quarto uma claridade phantastica, e os pasteis, os bolos, as laranjas, as flores e os brinquedos teem um aspecto deslumbrante.

Entre nós não ha este costume; em algumas terras as creanças deixam os sapatos ao canto da chaminé, e no dia seguinte vão encontral-os cheios de bolos e bonitos, julgando que foi o bom homem Natal quem trouxe esses objectos tão lindos.

Succede, porém, algumas vezes o menino desobediente ficar surprehendido ao deparar com uma varinha presa por uma fita magnifica e destinada a estar durante o anno exposta aos seus olhos, a fim de que seja obediente e affavel até o Natal futuro.

Em todas as casas onde ha creanças é cheio de anciedades, receios e esperanças o dia 24 de dezembro.

De manhã até á noite o Julito não pensava n'outra coisa: da casa de jantar para a cosinha e d'esta para a casa de jantar, constantemente perguntava se o bom homem Natal lhe traria lindos brinquedos, e, evocando todas as reminiscencias do anno, fazendo o seu exame de consciencia, aguardava impacientemente a noite.

—O anno passado recebi eu muitas prendas! Os ramos da minha arvore vergavam sob o peso dos brinquedos: tive um cavallo, confeitos, pastilhas, um palhaço e uma bella

carruagem!... sim, era tudo isto, recordo-me bem...

O sol começou a empallidecer, os seus ultimos raios estiravam-se preguiçosamente pela alameda do parque; por entre as nuvens acastelladas no céo começaram a pestanejar as estrellas, na sala de jantar acendeu-se o candieiro, e a impaciencia e as esperanças do Julio augmentavam gradualmente, porque elle fôra sempre submisso e louco pelos paes, e havia de ser contemplado na visita do bom homem Natal.

Mas .. nem para todos é festiva esta noite, como ides ver.

N'uma aldeia bem triste viviam dois rapazitos: um chamava-se Antonio e o outro Manuel, e havia um anno que eram orphãos de pae e mãe.

Teriam sido muito desgraçados se uma visinha, condoida da sua desventura, não os recolhesse, repartindo com elles o pouco que possuia.

Era uma santa mulher a velha Gertrudes; mas, coitadinha, era pobre e tinha de trabalhar para os sustentar.

Os dois rapazitos, muito dedicados a esta segunda mãe, ajudavam-na como podiam,

prestando serviços aos visinhos, fazendo recados, pelo que recebiam dinheiro e generos, que juntavam ao que a velha Gertrudes ganhava.

Chegou a noite de 24 de dezembro: era rigoroso o inverno, estavam cobertos de neve os telhados, o frio cortava como navalhas, e na chaminé da humilde choupana nem ao menos ardia uma fogueira para aquecer os pobresinhos.

A velha Gertrudes fôra deitar-se incommodada ainda mais, talvez, por não poder dar uns bolos e brinquedos aos filhos adoptivos, e elles ficaram sós.

Antonio, o mais velho, disse então:

—Lembras-te de quanto eramos felizes o anno passado?...

—Se lembro!... Ainda era viva a mamã; ella trabalhava muito, tinhamos fatos bonitos e dava-nos pasteis aos domingos.

—E recordas-te da noite de Natal?

—Sim, eu tive um cavallo e tu uma carruagem; atrelámos o cavallo á carruagem e divertimo-nos por muito tempo!...

—Sabes que é esta noite que o bom homem Natal dá o seu passeio?... exclamou o Antonio tristemente.

—O quê?... disse o Manuel, fazendo-se muito vermelho. Devéras... é esta noite?...

Calaram-se as pobres creanças: tinham um vago presentimento de que para ellas não haveria arvore do Natal, mas não queriam confessal-o, para não se entristecerem um ao outro.

Deitados no grande leito que a boa Gertrudes lhes havia dispensado, preferindo para si uma pequena enxerga a um canto sombrio, Antonio e Manuel fecharam os olhos e adormeceram.

Eram de ouro e rosas estes sonhos alegres.

Ora corriam em esplendidos jardins atapetados de flores, ora no doce remanso do lar recebiam as ardentes caricias da mãe estremosa.

Esta noite de Natal teve mil encantos para elles: emquanto o espirito romanesco de Antonio phantasiava um grande bosque frondoso e illuminado pela lua, por onde corria, tirado por quatro veados, o carro do bom homem Natal; Manuel, mais creança, via simplesmente o velho, carregado de brinquedos, parado á porta da miseravel choupana.

Deixemol-os sonhar assim, os pobresinhos: são alegres e esperançosos estes sonhos e não lhes quebremos o doce encanto.

Resta-nos um dever a cumprir: implorar dos ricos, d'aquelles para quem a noite de Natal é cheia de alegrias, que não se esqueçam dos infelizes a quem a sorte desamparou no berço, e lhes mitiguem, ao menos n'este dia, os rigores a que a má estrella os condemnou.

# **LA DONNA È MOBILE**





## LA DONNA È MOBILE

Ainda hoje evoco saudosamente os dias da minha mocidade. A aldeia onde nasci dormita, verdejante e silenciosa, á sombra de pinheiraes sussurrantes, onde esvoaçam as pegas e as rolas gemebundas. Recordo-me ainda das occasiões solemnes. No dia de Natal, o velho cura descia vagarosamente os degraus do cruzeiro para *dar o menino a beijar*; o sacristão, com a sua cara rubicunda e alegre, recolhia as esmolas, e, em troca, distribuia maçãs vermelhas, que se guardavam por muito tempo no recanto mais estimado de algum movel antigo. No côro a gaita de folle acompanhava a cerimonia com os seus sons melancolicos; o sino

do campanario, febrilmente agitado pela rapaziada, enchia de notas vibrantes o espaço.

Tambem era solemne a visita do cura pela Paschoa: enfeitavam-se as casas com verdura e flores, ao centro da sala collocava-se a mesa, sobre ella a melhor cobertura de chita adamacada, depois uma toalha de linho alva como a neve, e ao centro, entre rosas desfolhadas, um pires, a laranja azeda e a moeda de prata—*o foliar do prior*. O padre entrava aspergindo agua benta, dava as boas festas á familia, acariciava as faces das creanças, enquanto o sacristão espreitava o signal de recolher o foliar. Mas o padre só aceitava a offerta nas casas mais abastadas, e o sacristão, sempre vermelho e alegre, fazia uma careta se perdia a gorgeta da laranja azeda, que tinha venda certa na botica da freguezia.

\*

\* \*

A verdadeira festa, porém, era em setembro, no penultimo domingo. Na sexta-feira

á tarde o estalar dos foguetes e o repicar do sino annunciavam a chegada do *Zé Pereira*: um pifaro, duas caixas e o bombo. A rapaziada corria de todos os lados, fazia-se uma grande algazarra. O gaiteiro tirava o pifaro do sacco de chita, onde trazia tambem guardada a gaita de folle, que havia de servir na missa d'alva de domingo, os homens da caixa apertavam as cintas, o do bombo dava o signal Bum! bum! rompia a festa, e aquella musica endemoninhada ia saudar os mordomos, em cujas casas a hecatombe era enorme e os pipos estavam cheios de vinho espumante.

No adro levantava-se então o mastro caiado de azul e branco, empennachado de flores, com uma bandeira, que as brisas marinhas faziam ondular fortemente; e mais adeante, defrontando com a porta da capella, o grande arco vestido de murta e louro, d'onde destacava o amarello vivo das laranjas e das maravilhas. Na capella as mordomas, aquellas louças e desembaraçadas raparigas da Beira, procediam á limpeza, lavavam as jarras, aceiavam os castiçaes, punham toalhas novas no altar-mór e nos dois altares lateraes, atapetavam com

junco e rosmaninho o chão terreo, enquanto o armador pregava a ultima sanefa, dispostos já os andores em fórma de capellas em estylo gothico-phantastico, com os seus grandes pennachos de pennas em côres vivas, sobresaindo no fundo de papel prateado as lantejoulas e perolas de vidro profusamente espalhadas.

No sabbado pela manhã, quando a aurora envermelhecia a cõma dos pinheiros e punha tons dourados no verde phosphorescente dos vinhedos, que tornavam tão alegre aquella terra abençoada pcr Deus, os morteiros acordavam a colonia alada e a população trabalhadora. Ao meio dia repetia-se o estrondear.

Á tarde o arraial formava-se: chegava a philarmonica e pregavam-se os ultimos pannos no theatro ao ar livre. Iam chegando os pequenos industriaes: mulheres vergando ao peso de enormes canastrás contendo rebuçados, amendoas, cavacas, doce de recheio, outras com fructas. Alinhavam-se a um lado os vendedores de vinho, as tremoceiras, e as barracas de petiscos.

Pelas oitos da noite accendiam-se as primeiras lanternas do arco, que engrinaldava

o portado da capella, depois o grande arco, em seguida o coreto, a fachada do theatro. Das fogueiras alimentadas com matto e rama verde de pinheiro, erguiam-se rolos phantasticos de uma fumarada negra e ás vezes suffocante. A philarmonica executava uma peça, replicava-lhe o Zé Pereira, estalavam os foguetes, subia ao ar uma *mánica*, um balão grosseiramente talhado de jornaes velhos, elevado pelo ar quente produzido por intensos fogachos de palha.

Depois subia o panno, e entre as gargalhadas, os dichotes, uma algazarra de tremer, corria o acto do entremez; a primeira dama era um diabo negro, que levava a sua vida a mourejar no campo, o galan o mesmo, e todos assim. Em seguida a philarmonica atacava desesperadamente uma walsa, ouviam-se as violas nos bailes de roda, bellos bailes aquelles, em que ha completa liberdade de movimentos e as vozes retinem alegremente.

Estouravam e chispavam os foguetes. Queimava-se a primeira roda de fogo, com grandes espantos da multidão, que fazia ah! oh! á medida que variavam as côres e se operavam as mutações de jorros de luz.

\*

\* \*

Estava em férias e aproveitava o meu tempo o melhor que podia. Eu sempre tive o caractor um pouco selvagem: em pequeno, quando os meus companheiros se reuniam no adro ou em bandos andavam aos ninhos, eu fugia para os pinheiraes e por lá me deixava andar perdido até á hora do crepusculo.

Pelas férias dava largos passeios, visitava as povoações visinhas: a caça era um pretexto. nunca fui caçador. Uma tarde encontrei-me com uma rapariga que não vira nos ultimos annos. Haviamos frequentado a escola. jogado o sopapo, rido, cantado, e agora a creança fizera-se quasi mulher: uma morenita deliciosa, de olhos negros e coruscantes, o nariz levemente arrebitado, perfil gracioso, busto magnifico, pequenina, adoravel.

Dirigi-lhe um gracejo, evocando as nossas lembranças da escola, conversámos até o sol posto e voltámos juntos para a aldeia.

D'ahi em deante os meus passeios convergiam sempre para o ponto em que devia encontral-a; sorria ao avistar-me, e, enquanto ella cortava a herva fresca do lameiro, sentava-me em algum tronco velho, fumando um cigarro e gostando de ver-lhe o arredondado das ancas, a perna vermelha e nua, os braços roliços e cobertos de uma pennugem dourada, olhando-me de lado e sorrindo como ella sabia sorrir.

Eu era estimado por toda aquella boa gente, franca e sincera; a minha aldeia era uma das que dava um bom contingente para a emigração, e eu não podia recusar-me a escrever longas e saudosas cartas á mulher, á mãe ou á irmã dos que corriam fascinados para o Brazil, e raro lá encontravam fortuna.

A mãe da Joanninha chamou-me um dia e disse-me:

— Não me faça andar á roda a cabeça da rapariga.

— Não, tia Antonia; gosto de conversar com a Joanna, mas fique certa de que não ha de ter rasões de queixa. Sympathias...

Fosse o que fosse, não gostava de que me fallassem em desabono da rapariga,

qualificando-a de cabecinha de arveloa e presumida, porque punha certo esmero no seu vestuário modesto, mas elegante, que lhe atraçoava de uma maneira tentadora as fôrmas esculpturaes.

\*  
\*   \*  
\*   \*

Estavamos na vespera da festa: queimara-se a primeira roda de fogo e corria o segundo acto do entremez. Encontrei Joanninha n'um rancho, disse-lhe umas banalidades quaesquer, a que ella correspondeu com um sorriso galante, torcendo e retorcendo as pontas do lencinho de bretanha cercado de rendas.

—O que tens ali, Joanninha? perguntei-lhe, reparando n'um pequeno vulto que fazia o lenço.

—Ora... é um coração de doce que ha pouco comprei.

—Dás-me o teu coração?

—Qual?...

«Qual?» Não é facil imaginar a vivaci-



dade com que ella fez esta pergunta. Verdade é que me tinha esquecido de dizer-lhe que a amava. E senti tentações de abraçá-la allí mesmo, de dizer-lhe que a adorava, que fosse minha.

—Qual ha de ser? o que tens dentro do peito.

Ella fez-se muito vermelha e não me respondeu, continuando a torcer as pontas do lenço.

O rancho em que estava chamou-lhe a attenção não me recordo bem para quê, e tivemos de interromper-nos.

No dia seguinte encontrei-a quando ia para a missa da festa: vinha encantadora, com o seu lenço de seda de côres vivas, mantilha, saia de panno azul, meia branca e chinellas de polimento.

—Estou muito zangado contigo, disse-lhe.

—Porquê?

—Não respondeste á pergunta que hontem te fiz.

—Qual?

—E's tão esquecida...

—Ora...

--Não respondes?

—Quer obrigar-me... a dizer-lhe que ha muito tempo é seu?

Corando até ás orelhas, apressou o passo e fugiu-me.

O que é certo é que durante a procissão e no arraial da noite abrimos o periodo das largas confissões, e que dois dias depois o namoro tomava o corpo do escandalo, e a Joanninha andava na bocca do mulhero, sempre avido de noticias para a conversa do soalheiro.

Estavam, porém, terminadas as férias, e fui dizer-lhe adeus. Quando lhe annunciei que partia no dia seguinte, ficou muito séria e tentou suster as lagrimas.

—Já?...

—É verdade. Parto ámanhã. Não te esquecerás de mim?

—Eu, sr. Alberto?

—Porque não me tratas por tu?

—Eu... tratá-o por tu? Não se esqueça o senhor de mim, que eu me ficarei com as saudades d'estes dias. Quem me déra ir também!...

—É certo que me queres muito, Joanninha?

—Ainda m'ó pergunta?! Ás vezes chego

a perguntar a mim mesmo se isto é um sonho, porque realmente o que é isto senão um sonho? Eu, uma pobre rapariga ignorante, o senhor, que anda a estudar para doutor... E' sina, seja o que fôr, o que é certo é que me custumei a pensar em si, que o amo... Hei de ser uma desgraçada, bem vejo, mas não posso ser superior ao coração. A culpa não é minha, é do senhor, que não devia importar-se com quem...

—Cala essa bocca, tontinha. Não me esqueças, e fica certa de que te amo. Até ao Natal; has de ir esperar-me ao caminho.

E, abraçando-a carinhosamente, beijei-lhe os labios de rosa, que ella me abandonou sem resistencia.

\*

\* \*

Voltei aos meus estudos, e confesso que nos primeiros dias não houve um momento em que não me surgisse a imagem risonha de Joanninha, a vespera da ultima festa e o adeus. Os professores chegaram a notar-me a falta de assiduidade, as repetidas abstracções.

Tudo passa, e um mez depois só uma vez ou outra, n'uma visão fugitiva, recordava a minha paixão campesina, e via-a, recurvada, cegando a herva no lameiro, provocando-me com os sorrisos adoraveis; mas logo outra idéa me preocupava a imaginação.

Quando chegou o Natal, e voltei a casa, apenas me lembrei da Joanninha quando, *por acaso*, a encontrei na estrada.

Ella mostrou-se alegre e eu senti-me li-songeado. N'essa noite comecei a ser um dos *habitués do serão*.

O *serão* é uma pequena reunião de raparigas, que dão um tanto por cabeça para a luz e concorrem tambem com uma quota parte da lenha para a fogueira. Juntam-se dez ou doze todas as noites n'uma casa, onde teem entrada os namorados, sob a vigilancia activa da dona da casa. As raparigas fiam e cantam, os rapazes conversam e jogam.

Notei que tinha um competidor, mas logo me convenci de que a Joanninha não lhe prestava attenção.

O *serão* distava um kilometro de minha casa; á terceira noite, quando regressava, succedeu-me um d'esses incidentes vulgarissimos entre rivaes que se detestam.

O luar estava claro e as sombras dos pinheiros alongavam-se tristemente pelos caminhos desertos e atapetados de neve. O frio picava como agulhas.

De repente notei que a sombra de um tronco apresentava uma deformidade estranha. Foi o que me salvou. Caía fatalmente na cilada que o meu rival me preparava, se não o atraísse a sombra, que tão extravagantemente projectava no caminho.

Ainda hoje não sei o que é ter medo, muito menos n'aquella idade; era agil, desembaraçado e aceitava o desafio dos mais dextros jogadores de pau. Não recuei; puz-me em guarda, o olhar firme, o bordão prompto a desviar a primeira pancada e fui passar rente ao pinheiro suspeito.

Vejo uma foice erguida, o brilho da lâmina recurvada que desce sobre a minha cabeça, furto o corpo com um salto de tigre, e, antes de ter tempo de repetir o ataque, o meu rival recebia em cheio no braço direito uma pancada violenta, que o obrigou a largar a foice. Uma outra, mais duas, que o inutilisaram por momentos, dei-lhe as boas noites e segui o meu caminho.



Quando contei á Joaminha esta aventura, estranhando que ella tivesse dado logar a ser requestada, chorou muito, protestou-me que o odiava, e que não voltaria ao serão.

—Has de ir.

—Peça-me o que quizer, menos isso. Não vou.

E não me foi possível dissuadil-a.

Encontrávamo-nos todos os dias no campo, ou procurava-a em casa, sob um pretexto qualquer. Na vespera do meu regresso ao collegio — como o tempo corria veloz! — ajustámos uma entrevista para a noite. Cedeu sem repugnancia, talvez com certo prazer, e aguardei anciosamente a hora aprazada.

Ceguei muito antes e ella já me esperava. O sitio estava deserto. Abriu de mansinho a janella ao rez do chão, saltei sem difficuldade, e, á debil claridade do luar coado atravez das vidraças, sentindo-a tomada de

uma alegria pueril, fallámos largamente do nosso amor, dos projectos de um futuro de venturas, unidos, estreitamente unidos, exaltados pelo calor que um ao outro communicavamos, embriagados, esquecidos de tudo e de todos; e só quando a aurora tingia a côma dos pinheiraes e a ramaria dos loureiros, e a calhandra soltava os seus pios melancolicos percorrendo os trigaes, que começavam a romper, é que eu pude arrancar-me áquelles braços que me prendiam gentilmente, tão gentilmente, que cheguei a pensar que seria a suprema ventura repousar para sempre a cabeça no seu collo avelludado e quente.

\*

\* \*

Pela Paschoa instei com a familia para passar as férias na aldeia. A imagem de Joanninha gravara-se com toda a nitidez na minha alma e evocava com ardor e saudades aquella última noite...

Parti com febril impaciencia e apossouse de mim um anseio vago, se não era des-

peito, vendo que ella, sabendo da minha chegada, não me aguardava no caminho. E, perante a impossibilidade de procural-a immediatamente, pedi noticias a um amigo. Elle sorriu com malicia e respondeu-me em tom de transparente ironia:

—Queres saber noticias d'aquella amante immaculada, que vivia em um ninho de prazeres e innocencias, trazendo-te na ponta recurvada da foice de qualquer amoroso enraivecido?...

—Não te comprehendo...

—Tinha a cabeça mais leve que uma folha e...

—O quê?...

—A coisa mais natural n'uma mulher pretenciosa e de imaginação ardente... Voltou-se para o Jacintho, e dizem que entra lá todas noites...

—E' impossivel! bradei eu com exaltação. Não consinto que calunniem essa pobre rapariga.

—Ai, meu caro, eu já creio pouco nas verduras da mocidade e nos heroes cavalheirosos do amor. E, para castigo da tua demasiada boa fé, ou do teu platonismo piegas, has de confessar que guardado está o bocado...



Era horrivel o que ella ia dizer-me, e pedi-lhe que não concluísse. Senti uma grande tristeza opprimir-me o coração e, no primeiro momento, exasperado como estava, vi-me quasi decidido a lançar-lhe em rosto a perfidia, a lembrar-lhe a madrugada em que de lá saíra... quando a calhandra revolteava e cantava melancolicamente nos trigaes. Senti-me impellido a mostrar ao Jacintho que o bordão, que lhe tinha apalpado as costas pelo Natal, ainda poderia fazer-lhe os ossos n'um feixe.

Não seria uma calúnnia com que tentassem ferir a rapariga, unicamente por que eu a preferia ás outras? Quiz convencer-me e, altas horas da noite, fui rondar a casa da Joanninha.

De madrugada, a tiritar com frio, senti correr as vidraças e vi o Jacintho saltar a janella e afastar-se rapidamente, embuçado no gabão de saragoça, depois de ter recolhido a foice, que deixára escondida n'um vallado.

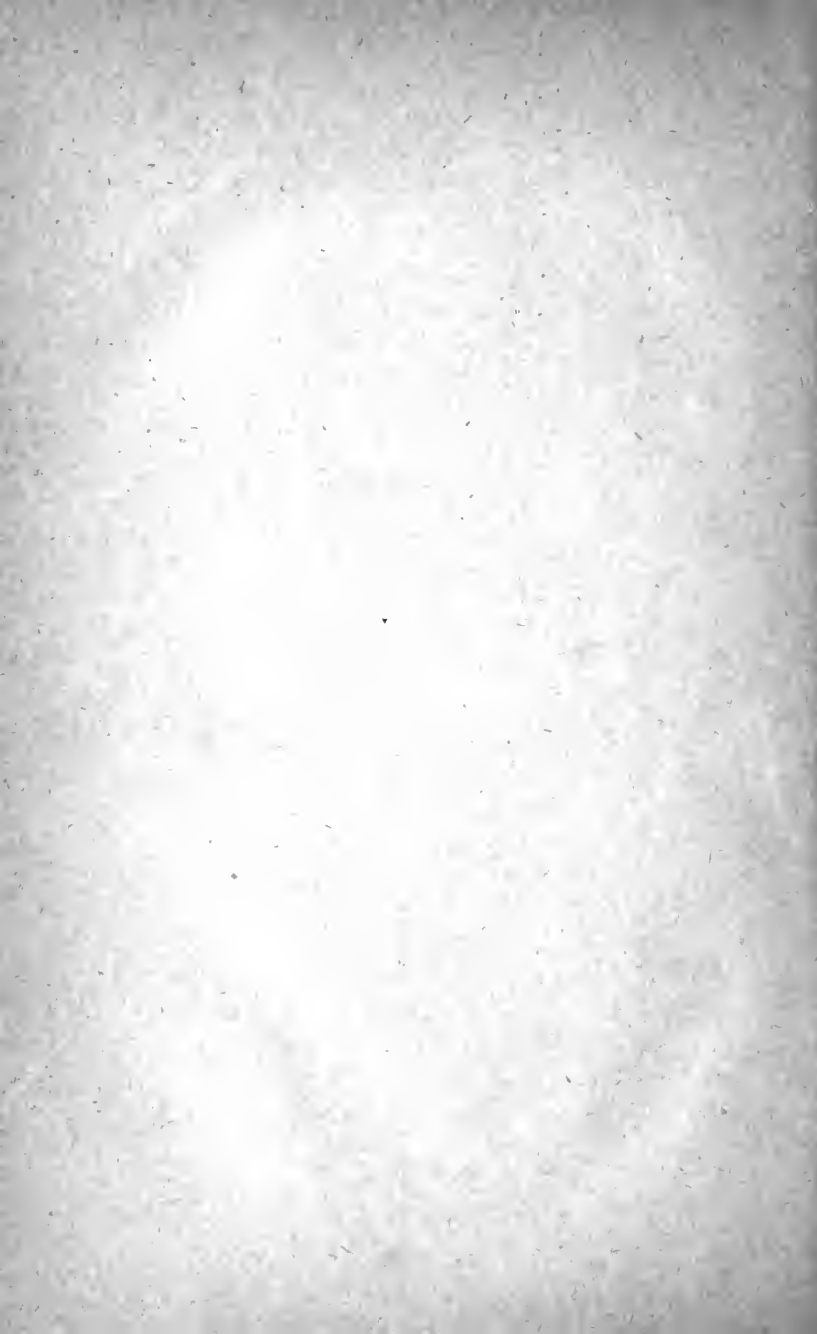
Pallida, muito pallida, profundas as olheiras, no semblante ainda angelico os vestigios evidentes d'uma insomnia prolongada, a Joanninha aconchegava o corpete do collo

avelludado e quente... esperando que elle desaparecesse no cotovello da azinhaga.

E, apesar de tudo, durante muito tempo acompanharam-me as saudades do meu primeiro amor.

# AQUELLA NOITE

(GUY DE MAUPASSANT)



## AQUELLA NOITE

O *Kleber* tinha fundeado e eu contemplava com entusiasmo o admiravel golpho de Bougie, que se estendia deante de nós. As florestas kabylas cobriam as altas montanhas, o mar beijava indolentemente a areia dourada das praias, e o sol caía em torrentes de fogo por sobre as casas brancas da pequena cidade.

A brisa ardente, a brisa da Africa, trazia-me os perfumes do deserto, os perfumes do grande e mysterioso continente, quasi desconhecido do homem do norte. Havia trez mezes que eu vagueava pelàs costas

d'este mundo, a terra phantastica do avestruz e do camello, da gazella e do hippopotamo e do gorilla, do elephante e do negro. Vira o arabe galopar contra o vento como uma bandeira que fluctua, vôa e passa; dormira na tenda alvadia, a vagabuunda morada d'essas aves brancas do deserto. Estava embriagado de luz, de phantasia e do espaço.

Agora, depois d'esta ultima excursão era preciso partir, regressar á França, tornar a vêr Paris, a cidade da tagarelice inutil, das ninharias e dos apertos de mão sem numero. Dizia adeus ás coisas amadas, tão novas, apenas entrevistas, e sempre saudosas.

Uma flotilhã de pequenos barcos cercava o paquete. Saltei para um d'elles, o preto impelliu os remos, e pouco depois desembarcava no caes, proximo da velha porta sarracena, cuja ruina sombria, á entrada da cidade kabyla, lembrava um brazão de nobreza antiga.

Uma pesada mão veio apoiar-se no meu hombro, quando eu contemplava o grande navio ancorado na enseada, e me sentia tomado de admiração em frente d'esta costa extraordinaria, d'este circo de montanhas banhadas pelas ondas azues, mais bello que

o de Napoles, tão grandioso como os de Ajaccio e Porto, na Corsega.

Voltei-me e vi ao meu lado, fixando-me com os seus olhos azues, um homem de elevada estatura, barba loura, chapéu de palha, vestido de flabella branca.

—E' de certo um dos meus antigos companheiros de collegio? perguntou-me.

—E' possível. O seu nome?

—Trémoulin.

—Bravo! Foste meu condiscipulo.

—Reconheci-te logo, meu amigo.

Abraçou-me. Parecia tão contente, tão alegre e feliz por me ver, que, levado por um impulso de amigavel egoismo, apertei estreitamente as mãos do meu antigo condiscipulo, sentindo-me satisfeito por encontral-o n'esta occasião.

Trémoulin tinha sido durante quatro annos o mais intimo e melhor dos meus companheiros, os quaes, de ordinario, esquecemos á saída do collegio. Era então muito alto e magro, e a sua cabeça grande e volumosa, obrigando-o a inclinar o pescoço ora para a direita ora para a esquerda, parecia querer esmagar-lhe o peito.

Muito intelligente, dotado de uma pers-

picacia maravilhosa, de uma rara flexibilidade de espirito, de uma especie de intuição instinctiva para todos os estudos litterarios, era sempre o premiado da classe.

Estavam convencidos no collegio de que havia de ser um homem illustre, sem duvida um poeta, porque fazia versos e tinha idéas engenhosamente sentimentaes. Pharmaceutico no bairro do Panthéon, o pae d'elle não passava por abastado.

Não tornára a vê-lo depois do bacharelado.

—O que fazes aqui? perguntei-lhe.

Responden sorrindo:

—Sou colono.

—Ora essa! Semeias?

—E recolho.

—O quê?

—Uvas, de que faço vinho.

—E que tal?

—Muito bem.

—Estimo, meu amigo.

—Ias para um hotel?

—Ia.

—Pois vaes para minha casa.

—Mas...

—E' o que te digo.



E ordenou ao negro que nos vigiava os movimentos:

—Para minha casa, Ali.

—Sim, senhor, respondeu o negro, que deitou a correr com a mala ás costas, levantando nuvens de pó.

Trémoulin tomou-me o braço e partimos. A principio fez-me perguntas sobre a minha viagem, as impressões que recebera, e, vendo o enthusiasmo de que eu estava possuido, pareceu estimar-me ainda mais.

Vivia n'uma velha casa mourisca com um pateo interior, sem janellas para a rua, e dominada por um terraço sobranceiro ás casas proximas, ao golpho, á floresta, ás montanhas e ao mar.

—Como isto é bello, exclamei, para mim todo o Oriente existe aqui. Bravo! Como has de ser feliz? Que noites has de passar n'esse terraço! Dormes alli?

—No verão. Iremos lá esta noite. Gostas da pesca?

—De qual?

—Da pesca ao candeio.

—Adoro-a.

—Iremos a ella depois de jantar. Na volta tomaremos refrescos em casa.

Depois de tomar banho mostrou-me a encantadora cidade kabyla, uma verdadeira cascata de casas brancas descendo para o mar; voltámos a casa ao sol posto, e, depois d'um exquisito jantar á moda oriental, dirigimo-nos ao caes.

Nada mais se via além das luzes das ruas e das estrellas, essas grandes estrellas vivas, scintillantes, do céo d'África.

Esperava-nos um barco n'um angulo do porto. Logo que embarcámos, um homem, cujo rosto não pude distinguir, começou a remar, enquanto o meu amigo preparava o candeio.

—Sou eu que manejo a fisga. Ninguem o faria com mais destreza.

—Os meus parabens.

Tínhamos contornado uma especie de mó-lhe e entravamos agora n'uma pequena bahia cheia de grandes rochedos, cujas sombras tinham a apparencia de torres construidas na agua, e vi de repente que o mar estava phosphorescente. Cortando lentamente as vagas, os remos produziam um clarão inconstante e estranho, que ia extinguir-se gradualmente ao longe, na esteira do barco. Contemplava, inclinado, esta cor-

rente de claridades pallidas, recortada pelos remos, este inexprimivel fogo do amor, este fogo frio que um movimento acende, e morre quando a vaga deixa de agitar-se. Navegavamos na treva, deslizando sobre esta luz extraordinaria.

Aonde iamós? Não via os meus companheiros, não via nada além da reversa luminosa, das scintillações da agua projectadas pelos remos. Fazia calor, muito calor. A sombra parecia aquecida n'um forno, e o coração perturbava-se n'esta viagem mysteriosa, na companhia d'esses dois homens, no barco silencioso.

Os cães, os magros cães arabes, de pello ruivo, nariz agudo, olhos brilhantes, ladravam ao longe, como ladram todas as noites n'esta terra immensa, desde a costa até ao deserto, onde acampam as tribus errantes. As rapozas, os chacaes, as hyenas respondiam, e não longe d'alli, por certo, um leão solitario devia rugir n'uma garganta do Atlas.

O remador parou de repente. Onde estávamos? Senti um pequeno ruido perto de mim. O clarão d'um phosphoro brilhou, e vi, guiada por uma mão phantastica, uma

só, a chamma ligeira dirigir-se para a grelha de ferro suspensa á prôa do barco e cheia de lenha como uma fornalha fluctuante.

Olhava surprehendido como se este espectáculo fosse perturbante e novo, e seguia com emoção a pequena luz attingindo os ramos de carqueja, que começara a crepitar.

Então, n'esta noite tranquilla, uma pesada noite abrazadora, faiscou uma grande fogueira, illuminando sob um docel de trevas que pesava sobre nós, o barco e dois homens: um velho marinheiro, d'um branco apergaminhado, com a cabeça envolvida n'um lenço, e Trémoulin, cuja barba loura eu via luzir.

—Ávante! disse elle.

O outro remou e continuámos a avançar no meio de um meteoro, sob a abobada de sombra movel, que nos acompanhava. Trémoulin alimentava incessantemente o brazeiro, que ardia brilhante e rubro.

Inclinei-me e vi o fundo do mar. A algúns pés de profundidade desenrolava-se lentamente, á medida que avançavamos, o estranho mundo da agua, da agua que, como o ar, vivifica plantas e animaes. Arrancando

á sombra os rochedos com aquella luz brilhante, deslisavamos sobreervas ruivas, côr de rosa, verdes e amarellas. Entre ellas e nós um espelho admiravelmente transparente, um espelho liquido, quasi invisivel, dava-lhes uma apparencia feerica, augmentava-as como n'uma visãõ animada pelo oceano profundo. Esta onda clara, tão limpida, que mais se adivinhava do que distinguia, punha entre nós e esta bizarra vegetaçãõ o quer que fosse de indeciso como a duvida da realidade, tornava-a mysteriosa como as payzagens dos sonhos.

Algumas vezes aservas subiam á superficie, como madeixas de cabello, apenas perturbadas pela vagarosa passagem do barco.

No meio d'ellas, pequeninos peixes prateados corriam, fugiam, occultando-se instantaneamente; adormecidos ainda, outros fluctuavam no meio dos brejos aquaticos, luzentes, delicados, imperceptiveis quasi. Algumas vezes um caranguejo corria para uma fenda para se occultar, ou uma medusa azulada, transparente, apenas visivel, flôr azul pallido, verdadeira flôr do mar, deixava arrastar o corpo liquido na leve re-

vessa; depois o fundo desaparecia de repente, transformando-se na obscuridade de vidro espesso. Então entreviam-se vagamente grandes rochedos e sargaços sombrios, debilmente illuminados pelo candeio.

Á prôa, o corpo inclinado, segurando a comprida fisga, Trémoulin espiava as rochas, aservas, o fundo variavel do mar, com o olhar ardente do animal que espreeita a caça.

De repente deixou immergir na agua com um movimento vivo e sereno a ponta bifurcada da fisga, depois arremessou-a como se solta uma frecha, com tal destreza, que attingiu na carreira um grande peixe, que fugiu deante de nós.

Mal tinha notado o gesto de Trémoulin, mas ouvi-lhe um rugido de alegria, e, quando levantou a fisga, vi á chamma do brazeiro um peixe que se contorcia, traspassado pelos dentes de ferro. Era um congro. O corpo varado por cinco buracos, a serpente do mar escorregou, rastejou, roçando pelos meus pés, procurando uma fenda por onde fugir, e, tendo encontrado uma poça d'agua entre as cavernas do batel, ahí se agachou e enrolou quasi morta.

Com uma destreza surprehendente, com uma rapidez fulminante, com uma segurança miraculosa, de minuto a minuto, Trémoulin apanhava todos os extraordinarios habitantes da agua salgada. Via passar por cima da fogueira, em convulsões de agonia, lobos do mar prateados, moreias escuras manchadas de sangue, sibas, animaes extravagantes, que expelliam tinta e durante alguns instantes manchavam de negro o mar em volta do barco.

Entretanto, parecia-me ouvir constantemente gritos de aves em volta de nós, e erguia a cabeça esforçando-me por prescrutar d'onde vinham estes silvos agudos, proximos ou distantes, rapidos ou prolongados. Eram innumeraveis, incessantes, como se uma nuvem de azas adejasse sobre nós, attraídas pela chamma. Ás vezes parecia que estes silvos nasciam do mar.

—O que é que assobia assim? perguntei.

—São os carvões que caem.

Era com effeito o candeio que espalhava no mar uma chuva de carvões. Caiam em braza, ou ainda chammejantes, e apagavam-se com um queixume suave, penetrante, extraordinario, umas vezes um verda-

deiro gorgueio, outros o grito d'um emigrante que passa. Gotas de rezina silvavam como balas ou como zangãos e morriam brusca-mente quando mergulhavam. Dir-se-hia que eram vozes de seres, um inexprimivel e debil rumor de vida errante na sombra, muito perto de nós.

Trémoulin exclamou de repente:

—Oh... que velhaco!

Arremessou a físga, e, quando a levantou, vi, envolvendo-lhe os dentes, uma especie de grande farrapo de carne vermelha, que palpitava, movia-se, enrolando e desenrolando compridas, fiacidas, mas vigorosas tiras cobertas de ventosas em volta do cabo do tridente. Era um polvo.

Approximou-o de mim e examinei os dois grandes olhos do monstro, que me fitavam, dois olhos salientes, turvos e terriveis, destacando d'uma especie de bolsa, que se assemelhava a um tumor. Julgando-se livre, alongou lentamente um dos braços, cujas ventosas brancas roçaram por mim. A extremidade era delgada como um fio, e, quando este braço devorante se agarron ao banco, um outro se levantou e desenrolou para o seguir. Uma força irresistivel sentia-se



n'esta ventosa viva, avermelhada e flacida. Trémoulin abriu a sua navalha e cravou-lh'a bruscamente entre os olhos.

Ouviu-se um suspiro, a respiração que se esvaía, e o polvo deixou de avançar.

Não estava morto, todavia, porque a vida é tenaz n'estes corpos nervosos; mas estava aniquilado o seu vigor, destruída a sua força aspirante, já não podia beber o sangue, sugar e esvasiar a concha dos caranguejos.

Trémoulin arredava da bordagem, como que para brincar com este agonisante, as ventosas impotentes, e, tomado de repente de um grande furor, exclamou:

—Espera, que vou aquecer-te os pés.

Varou-o novamente com a fiska e passou-o por sobre a fogueira, esfregando nas grades de ferro em braza as finas extremidades dos braços do polvo.

Crepitaram torcendo-se, avermelhadas, retrahidas pelo calor; e eu julguei soffrer nas pontas dos dedos a tortura inflingida ao horrendo animal.

—Isso não se faz, exclamei.

Respondeu-me fleugmaticamente:

—Deixa-te d'isso. Faz-lhe bem.

Depois arremessou para o fundo do barco o polvo rebentado e mutilado, que se arrastou por entre as minhas pernas até á poça de agua, onde se encolheu para acabar entre os peixes mortos.

A pesca continuou por muito tempo até que faltou a lenha. Então Trémoulin deitou ao mar o brazido, e a noite, suspensa sobre as nossas cabeças pela chamma brilhante, envolveu-nos no seu manto, sepultou-nos de novo nas suas trevas.

O velho começou a remar lentamente.

Onde estava o porto, a terra, a entrada do golpho, o mar largo onde ficava? Não sabia. O polvo agonisava ainda aos meus pés e eu soffria contracções nas unhas, como se m'as tivessem queimado tambem. De repente vi luzes: entravamos no porto.

—Tens somno? perguntou Trémoulin.

—Nenhum.

—Vamos então conversar um pouco para o terraço.

—Da melhor vontade.

O crescente da lua elevava-se por detraz das montanhas. A brisa quente perpassava em lufadas vagarosas, impregnadas de aromas subtis, quasi imperceptiveis, como se

tivesse arrastado na sua passagem os perfumes dos jardins e das cidades de todos os paizes abrazados pelo sol.

Em volta as casas brancas, com terraços quadrados, descendo para o mar, e n'elles viam-se formas humanas deitadas ou de pé, que dormiam ou sonhavam sob as estrellas. familias inteiras enroladas em longas vestes de flanella e repousando, em a noite socegada, do calor do dia.

Pareceu-me então que a alma oriental penetrava no meu ser, a alma poetica e lendaria dos povos simples, de pensamentos elevados. Evocava as narrações biblicas e os contos das *Mil e Uma Noites*: ouvia os prophetas annunciar os milagres e via nos terraços dos palacios deslizar as princezas trajando sedas, enquanto que em rescaldos de prata se queimavam essencias subtis, cujo fumo tomava a forma de genios.

Disse a Trémoulin:

—Foste feliz em vir para aqui.

—Foi o acaso que me trouxe, respondeu.

—O acaso?

—Sim, o acaso e a desgraça.

—Tens sido infeliz?

Estava em pé, diante de mim, embru-

lliado no albornoz, e a sua voz tinha um accento tão doloroso que senti calafrios.

Após curto silencio continuou:

—Posso contar-te os meus pezares. Talvez a confidencia me allivie.

—Conta.

—Queres?

—Sim.

—Ouve. Ainda te recordas do que eu era no collegio: uma especie de poeta creado n'uma pharmacia. Sonhava em escrever livros e tentei-o depois do meu bacharelado. Não colhi o menor resultado. Publiquei um volume de versos, depois um romance, sem que um e outro tivessem venda, e em seguida um drama, que não foi representado.

Por essa occasião enamorei-me. Passarei em claro a minha paixão. Contiguo á pharmacia havia um alfayate que tinha uma filha. Amei-a. Era intelligente, tinha completado o curso de instrucção superior, um espirito vivo, irrequieto, em perfeita harmonia com o seu todo. Contava vinte e dois annos, mas ninguem diria que tinha mais de quinze. Era uma mulher de pequena estatura, delicada de feições, no todo, nas maneiras, como que uma aguarella mimosa. O nariz,

a bocca, os olhos azues, os cabellos louros, o sorriso, o porte, as mãos, tudo isto parecia feito para uma vitrine e não para a vida real. Era espantosamente viva, agil e activa. Amei-a com fervor. Recordo-me de dois ou tres passeios no jardim de Luxemburgo, perto da fonte de Médicis, que foram os melhores dias da minha vida. Sabes o que é o extraordinario estado da loucura amorosa, que nos faz resumir todos os pensamentos em actos de adoração? Perdidamente apaixonado só me sentia bem ao lado d'ella, vivendo alheio a todas as outras coisas.

Ajustámos o casamento. Communiquei-lhe os meus projectos de futuro, que ella desapprovou. Não me julgava poeta, romancista, nem autor dramatico e pensava que o commercio, quando se tem sorte, pode dar a felicidade completa.

Renunciando, pois, a escrever livros, resignei-me a vendel-os, e comprei em Marseilha a Livraria Universal, cujo proprietario havia fallecido.

Decorreram tres annos verdadeiramente prosperos. Tinhamos feito da nossa livraria uma especie de salão litterario, onde se reuniam todos os homens de letras da cidade.

Entrava-se em nossa casa como se entra no gremio; fazia-se a critica dos livros, dos poetas, conversava-se sobre politica especialmente. Minha mulher administrava a casa e gosava d'uma grande notoriedade. Enquanto palestravam nõ rez do chão, eu trabalhava no meu gabinete do primeiro andar, que communica com a livraria por uma escada de caracol. Ouvia as vozes, as gargalhadas, as discussões, e algumas vezes interrompia o meu trabalho para escutar. Andava a escrever ás occultas um romance, que não conclui.

Os frequentadores mais assíduos eram M. Montina, capitalista, excellente e bonito rapaz, de cabellos negros e olhar insinuante; M. Barbet, magistrado; MM. Faucil e Labarrègue, commerciantes, e o general Marquez de Flèche, chefe do partido realista, o homem mais gordo da provincia, um velho de sessenta e seis annos.

O negocio corria ás mil maravilhas. Eu era feliz, muito feliz.

Uma tarde, pelas tres horas, tendo sido obrigado a sair para dar umas voltas, passei pela rua de Saint Ferréol, e de repente vi sair d'um portal uma mulher, cuja figura

dava tantos ares á de minha esposa, que teria pensado «É ella!», se não a tivesse deixado em casa bastante incommodada, uma hora antes, na livraria. Caminhava adeante de mim, com passo rapido, sem se voltar. Não sei porque comecei a segui-la, surpreendido, inquieto.

E dizia: «Não é ella. É impossivel. Se estava com a enxaqueca... Além d'isso não tinha nada que fazer n'esta casa.»

Quiz, porém, tirar-me de duvidas e apressei o passo para a alcançar. Voltou-se bruscamente, não sei se por ter sentido, adivinhado ou reconhecido os meus passos. Era ella. Fez-se muito vermelha e parou quando me viu: depois, sorrindo:

— Tu por aqui?

Eu tinha o coração opprimido.

— Saiste? E a tua enxaqueca?

— Senti-me melhor e resolvi dar umas voltas.

— Onde foste?

— Á rua Cassinelli, á casa Lacaussade, fazer uma encomenda de lapis.

Olhava-me de frente. Já não estava corada, e empallidecera um pouco. Pareciam cheios de verdade os olhos claros e limpidos.

—oh! os olhos das mulheres!—mas senti vagamente, dolorosamente, que estavam cheios de mentira. Estava mais confundi-do, mais embaraçado, mais surpreendido do que ella, sem que ousasse suspeitar coisa alguma, mas convencido de que mentia. Por que? não sabia.

Disse-lhe unicamente :

—Fizeste bem em sair, se estavas melhor da enxaqueca.

—Muito melhor.

—Vaes para casa?

—Vou.

Separamo-nos e continuei o meu passeio, só, pelas ruas. O que é que estava succedendo? Em frente d'ella tinha tido a intuição da sua falsidade. Agora repugnava-me acreditar-o; e, quando voltei a casa para jantar, accusava-me de ter duvidado um instante sequer da sua sinceridade.

Já alguma vez experimentaste os ciumes? Sim, ou não, pouco importa. A primeira gotta do ciume tinha caído no meu coração. São gottas de fogo. Não suppunha nada, nada acreditava. Sabia apenas que tinha mentido. Todas as noites, quando ficavamos sós, depois da saída dos freguezes e dos cai-



xeiros, quer fôssemos ao caes, se o tempo o permittia, ou ficassemos a conversar no meu escriptorio, deixava o meu coração expandir-se sem reserva, porque a amava. Era uma parte da minha vida, a maior, a minha unica alegria. Pertencia-lhe a minha pobre alma captiva, credula e fiel.

Nos primeiros dias, esses primeiros dias de duvida e angustia emquanto a suspeita não se torna clara e avoluma, senti-me abatido e gelado como quando uma doença nos domina secretamente. Tinha frio, muito frio, não comia nem dormia.

Por que é que havia mentido? O que tinha ido fazer áquella casa? Fui lá para ver se conseguia descobrir alguma coisa. Debalde o fiz. O locatario do primeiro andar, um tapeceiro, deu-me informações sobre todos os visinhos, e não encontrei o menor indício. No segundo andar morava uma parteira, no terceiro uma costureira e uma mulher que explorava a arte da conservação e aceio das mãos, nas aguas-furtadas dois cocheiros com as respectivas familias.

Por que tinha mentido? Ser-lhe-hia facil dizer-me que vinha de casa da costureira ou da manicura. Oh! como senti desejos de

as interrogar! Não o tentei com receio de que a prevenissem e pozessem ao facto das minhas suspeitas.

Occultava-me a sua entrada n'aquella casa. Havia n'isto um mysterio. Qual? Ora imaginava motivos dignos de louvor, uma boa acção que queria guardar em segredo, uma informação qualquer, e accusava a minha falta de confiança. Não nos assiste o direito de ter uns pequenos segredos innocentes, uma especie de segunda vida interior, sem que ninguem possa pedir-nos explicações? Porque temos por companheira uma menina, poderemos exigir-lhe que não pense nem faça coisa alguma sem nos prevenir antes e depois? A palavra casamento não significa, de certo, a renuncia de toda a liberdade. Poderia oppôr-me a que fosse a casa da costureira, ou soccorresse a familia d'um dos cocheiros, sem me consultar? E porque não havia de dar-se o caso de que aquella visita, sem ser criminosa, fosse de natureza a ser, não reprovada, mas censurada por mim? Conhecia-me perfeitamente, e quem sabe se queria evitar, se não uma censura, pelo menos a discussão? Cheguei a suppôr que confiava em segredo as

suas mãos pequeninas e lindas aos cuidados da exploradora da loja suspeita, para que não a qualificasse de menos economica, quando era certo que tinha todas as virtudes d'uma excellente dona de casa. Julgar-se-hia amesquinhada aos meus olhos, confessando-me esse pequeno peccado de garridice. A alma das mulheres tem tantas subtilezas e disfarces innatos!

Não me satisfaziam, porem, todos estes raciocinios. Tinha ciumes. A desconfiança aguilhoava-me, despeaçava-me, devorava-me. Era o começo da suspeita. Torturava-me uma dor, uma angustia terrivel, um pensamento ainda velado, mas cujo véu não ousava erguer, porque havia de encontrar debaixo uma duvida horrivel. Um amante!... Teria um amante?... Sim, ou não? Era inverosimil... impossivel... todavia...

Deante dos olhos passava-me constantemente a figura de Montina. Via este pretençioso sorrir-lhe graciosamente e dizia: «É elle.»

Phantasiava a historia dos seus amores. Tinham fallado de um livro, discutido a aventura amorosa, encontrado algum ponto

de contacto na sua vida, e d'esta analogia tinham feito a realidade.

Vigiava-os, sujeito ao mais abominavel supplicio que póde ferir um homem. Comprára uns sapatos com solla de caoutchouc para andar sem fazer barulho, e passava os dias a subir e descer a escada de caracol, para os surprehender. Muitas vezes deixava-me escorregar sobre as mãos, com a cabeça para baixo, a fim de vêr o que faziam, e tornava a subir recuando, com um esforço inaudito, depois de ter verificado que o caixeiro estava na loja.

Já não vivia, soffria. Não podia pensar em nada, nem trabalhar, nem occupar-me dos meus negocios. Se saía, mal tinha dado cem passos dizia: «Está lá», e retrocedia. Não estava. Saía novamente, mas pouco depois pensava: «Deve estar agora», regressando a casa.

Isto repetia-se todos os dias.

De noite era ainda mais horroroso, porque a via ao meu lado, no meu leito. Estava alli dormindo ou fingindo dormir. Dormia? Não, de certo. Era ainda uma mentira?

Ficava immovel, de costas, abrazado pelo calor do seu corpo, anhelante e torturado.

Oh! que tentação. uma tentação ignobil e poderosa, de pegar n'uma luz e n'um martello, e, com uma só pancada, abrir-lhe a cabeça para ver o que se passava lá dentro! Veria apenas uma mistura de miolos e sangue, nada mais. Continuaría a ignorar tudo. Era impossivel descobrir a verdade! E os seus olhos? Quando me fitava, agulhoavam-me furores violentos. Eram transparentes e candidos os seus olhos, e mentiam, oh! se mentiam! e não podia adivinhar o que ella pensava. Tomavam-me tentações de enterrar-lhes agulhas, de vasar aquelles espelhos de falsidade. Oh! como eu comprehendia a inquisição! Ter-lhe-hia apertado os pulsos com tenazes de ferro — Falla... confessa... Não queres?... — Apertar-lhe-hia lentamente a garganta... — Falla... confessa!... Não queres?... — e havia de apertar, apertar, até sentir o estertor, até a estrangular, até morrer... Ou então queimar-lhe-hia as pontas dos dedos no fogo... Oh! sim, com que prazer o faria!... — Falla... falla por uma vez!... Não queres?... — Pôr-lh'os-hia sobre carvões em braza, tisanar-lh'os-hia... e ella havia de fallar... com certeza!... havia de fallar...

De pé, as mãos cerradas, Trémoulin gritava. Em volta de nós, nos terrassos próximos, as sombras erguiam-se, despertavam, escutavam, interrompidas no seu repouso.

Commovido, captado por um interesse poderoso, eu via deante de mim, na sombra, como se a tivesse conhecido, essa mulher franzina, esse delicado sêr, louro, vivo e astucioso. Via-a vender os livros, conversar com os homens perturbados pela sua infantilidade graciosa, e via na sua fina cabeça de boneca as pequenas idéas arditas, as phantasias extravagantes, os sonhos de modistas rescendendo almiscar e captivando-se dos heroes do romance de aventuras. Como elle, duvidava d'ella, detestava-a, aborrecia-a, ter-lhe-hia tambem queimado os dedos para que ella fallasse.

Acalmada um pouco a sua irritação, proseguiu:

—Não sei porque te conto isto. Ainda não tinha fallado em tal! É verdade que ha dois annos que não fallo a ninguem. A ninguem, absolutamente a ninguem. E isto refervia-me no coração como a lama que fermenta. Esvasio-o agora. Tanto peor para ti.

Mas tinha-me enganado, era peor do que

— — —

julgava, peor que tudo. Ouve. Empreguei os meios costumados: simulei ausências. Minha mulher almoçava fóra todas as vezes que eu saía. Escusado é dizer-te como compreí o criado do restaurante, para a surprehender. A porta do gabinete ser-me-hia aberta e havia de chegar á hora combinada, com a resolução formal de os matar. Antevia o drama como se fóra já realizado! Entrava. Separava-a de Montina uma mesinha coberta de copos, garrafas e pratos. Seria tal a surpresa que haviam de ficar immoveis quando me vissem: e eu, sem dizer palavra, deixaria cair sobre a cabeça do infame a minha bengala de castão de chumbo. Morto á primeira pancada, a cabeça tombava sobre a mesa. Então voltava-me para ella, e, antes de a matar, dava-lhe tempo — alguns segundos — de comprehender tudo e estender os braços para mim, louca de terror. Oh! estava decidido, resolutó, inabalavel e contente. Vingava-me antecipadamente, prevendo o olhar desvairado que ella havia de lançar-me, vendo as mãos supplicantes, o grito estrangulado, o rosto de repente livido e convulso. Não a mataria com a primeira pancada. Achas-me feroz,

não é verdade? É que não sabes o que se soffre. Pensar que a mulher, esposa ou amante, que nós amamos, se abandona a outro, dando-se-lhe como a nós, e accita os seus beijos como os nossos! É um supplicio atroz, horroroso. Quando se soffre esta tortura, sentimo-nos com animo para tudo. Oh! admiro-me de que não se mate mais vezes, porque todos aquelles que teem sido traídos, todos, devem ter desejado matar, devem ter gosado esta morte ideada, teem feito, a sós no seu quarto ou n'uma estrada deserta, impellidos pela allucinação da vingança satisfeita, o gesto de estrangular ou matar com uma pancada.

Cheguei ao restaurante. Perguntei: «Estão?» O criado respondeu affirmativamente, mandou-me subir uma escada, e, indicando a porta, disse: «Aqui!» Apertava a bengala como se os dedos fossem de ferro. Entrei.

A occasião fôra bem escolhida. Abraçavam-se; mas não era Montina. Era o general de Flèche, o general que tinha sessenta e seis annos.

Estava tão convencido de encontrar o outro, que fiquei tolhido de espanto.

E depois... depois... não sei ainda o que



se passou em mim... não... não sei. Deante do outro ficaria allucinado pela raiva!... Deante d'este velho barrigudo, de bochechas caídas, fiquei suffocado pelo nojo. Ella, tão franzina, que parecia ter quinze annos, dérase, entregára-se áquelle homem quasi paralytico, porque era marquez, general, o amigo e representante dos reis desthronados. Não, não sei o que senti, nem o que pensei. Não podia matar aquelle velho. Seria uma vergonha. Não, já não sentia só o desejo de matar minha mulher, mas todas as mulheres que se portam d'este modo. Não tinha ciumes, estava desvairado, como se tivera visto o horror dos horrores.

Digam o que disserem dos homens, elles não são tão vis como isto. Quando se encontra um que procede assim, aponta-se com o dedo. O esposo ou amante de uma mulher velha é mais desprezado que um ladrão. Nós somos aceiados, meu amigo. Mas ellas, ellas são mulheres de coração immundo. Ellas são de todos, novos ou velhos, por motivos vergonhosos e variados, porque é a sua profissão, a sua vocação, a sua função. São as eternas, inconscientes e serenas prostitutas, que abandonam o corpo sem

repugnancia, porque é mercadoria de amor, quer o vendam ou dêem ao velho que frequenta as ruas com as algibeiras cheias de ouro, ou, ainda pela gloria, ao velho soberano lubrico, ao velho celebre e repelente...

Vociferava como um propheta antigo, em voz furiosa, sob o céo estrellado, gritando, com a raiva dos desesperados, contra a deshonra glorificada de todas as amantes dos velhos monarchas, contra a deshonra respeitada de todas as donzellas que aceitam velhos esposos, contra a deshonra tolerada de todas as mulheres novas que recebem, a sorrir, beijos encanecidos.

Eu via, desde o principio do mundo, evocadas, chamadas por elle, surgindo á volta de nós, n'esta noite do Oriente, as formosas mulheres de alma abjecta, que, como as bestas que desconhecem a idade do macho, foram doces a desejos senís. Erguiam-se, servas dos patriarchas cantadas pela Biblia, Agar, Ruth, as filhas de Loth, a morena Abigaíl, a virgem de Sunnam que, com suas caricias, reanimava David agonisante, e todas as outras, jovens, nutridas, brancas, patricias ou plebeias, femeas irresponsaveis

do senhor, carne de escrava submissa, allucinada ou paga.

Perguntei-lhe:

—E o que fizeste?

Respondeu-me simplesmente:

—Parti, e aqui estou.

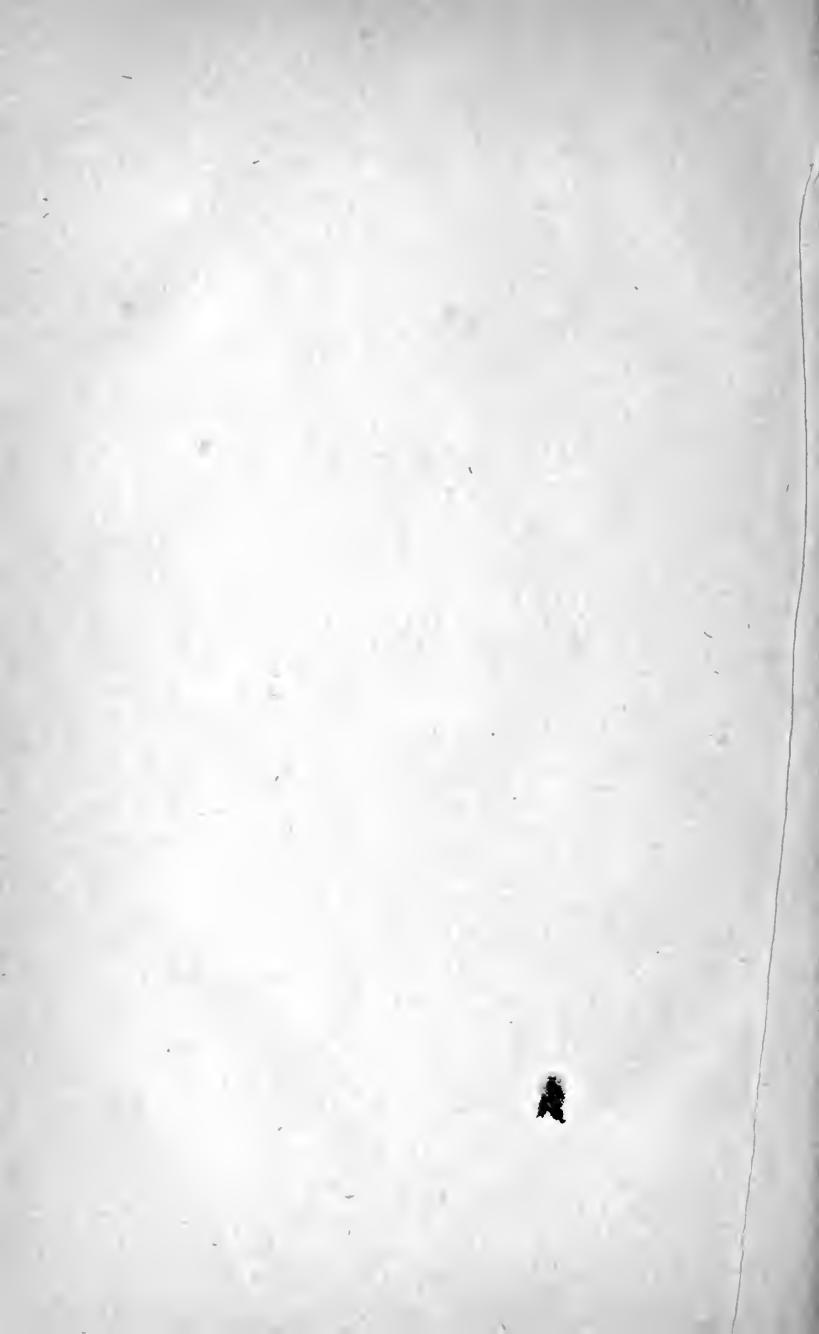
Ficámos por muito tempo um ao lado do outro, sem fallar, sonhando!...

Guardei d'aquella noite uma impressão inolvidavel. Tudo o que tinha visto, sentido, ouvido, adivinhado, a pesca, e o polvo talvez, esta narrativa pungente, no meio de phantasmas brancos, sobre os terrassos proximos, tudo parecia conglobar-se n'uma emoção unica. Certos encontros, certas inexplicaveis combinações de coisas, contem seguramente, sem que nada de extraordinario ali transpareça, uma maior quantidade de secreta quinta essencia de vida do que a dispersa no commum dos dias.



# **IN EXTREMIS**

(Paul Bonnetain)



## IN EXTREMIS

—Repito-lhe que sou o senhor de Saint-Clair... Achilles de Saint-Clair...

—Mas, senhor... balbuciava o moço de bordo.

O recém-chegado não o attendia, e, esforçando-se por avolumar a voz aflautada, com pronunciada accentuação creoula, continuou:

—Não pode admittir-se—ouve?— não pode admittir-se que uma companhia subvencionada trate os seus passageiros d'este modo!... Sou o senhor de Saint-Clair... Achilles de Saint-Clair, publicista... Indique-me o meu camarote... os meus camarotes.

O moço, recuou, vendo-o avançar, desengonçado, muito alto, com uma pequena mala e um enorme embrulho de guarda-chuvas. De repente deixou cair o embrulho e a mala; e depois, com o braço imperiosamente estendido, a mão na attitude de indicador de cartaz, tomou uma *pose* theatral:

—Vá chamar o *steward*!

Começaram a rir-se os carregadores e os despachantes, que enchiam o convez n'uma balburdia medonha. E o moço, espantado, arregalando os olhos, articulou um:

—O que diz o senhor?

—Digo-lhe que chame o commissario... o com-mis-sa-rio-de-bor-do!

Voltando-se para a galeria cuja área a sua altura lhe permittia abranger com o olhar, o «senhor de Saint-Clair» exclamou com um soberano desprezo:

—Este imbecil não sabe inglez!

Rebentou de novo a gargalhada, a sonora gargalhada marselheza. Recomeçando o trabalho, ouviam-se arremedos galhofeiros, que dominavam o barulho das mercadorias arrastadas, descendo da pôpa para os porões ou para os camarotes: um «Assille de Saint-Clé,» especialmente, que os provençaes, in-



conscientes da propria pronuncia, repêtiã exagerando o zezeamento infantil do viajante e a impossibilidade de ferir os *rr*.

Entretanto appareceu o commissario com um maço de papeis, seguido por outros passageiros, aturdido pelas reclamações, e mandou desembaraçar a mesa central. onde um empregado registava as bagagens. M. de Saint-Clair correu immediatamente para elle, repetiu mais uma vez o nome, sobrenome e occupação. e descobrindo a final o seu camarote. enfiou precipitadamente por elle, surgindo logo á porta a gritar pelo «steward».

O commissario aproximou-se impassivel, bamboleando as faces nutridas, com suissas cuidadosamente tratadas. Perfilado no limiar da porta, ouvia a onda de reclamações do creoulo, que exclamava em oitava alta que madame de Saint-Clair não poderia viver alli! que não poderia alojar a sua «familiasinha» no camarote contiguo, sem que fosse aberta a porta de communicação.

E, de repente, viu-se a «familiasinha»: um pequenito e uma menina, de sete e dez annos, que madame de Saint-Clair empurrava deante de si; e a ninguem surprehendeu não

haver reparado antes nos recém-vindos, tão pequenos eram e tão calados estavam, com o ar triste do cão castigado, vergonhoso, estranho. Embrulhada n'um montão de chales, a mãe pouco mais alta era do que a filha, uma menina pallida, muito magra, cujos bellos olhos azues, espantados, ora se fixavam nas escotilhas, ora no irmão, que ella segurava com um gesto protector e affectuoso de mãe. De vez emquando a gritaria do pae fazia estremecer os tres com a mesma vibração, collava-os á amurada emquanto que os seus olhares se dirigiam para o commissario pedindo vagamente perdão.

Em seguida entraram no camarote, esquecendo-se de fechar a porta, e, atravez o reposteiro de sarja, meio corrido, percebia-se que o creoulo serenava, para se afadigar atabalhoadamente em volta d'elles, e expandir-se em ternas meiguices de pae extremoso, entrecortadas ainda, por instantes, de recriminações ou vaidosas fanfarronadas.

—São ridiculamente pequenos estes camarotes das *Messageries!*... Viste como fallei ao pessoal?... Minha amiga, é precisa toda a energia!... Ficaram sabendo com quem teem a lidar.

Assim interpellada, Renata tentava uma observação, um «Tem prudência, meu amigo...» que elle não deixava concluir, cortando-lhe rapidamente a phrase.

Ella exprimia-se com uma pronuncia agradavel, sem a accentuação creoula, sem nenhuma accentuação, pronuncia franceza, com o timbre de toda a mulher nova. «Mas, meu amigo...», repetia ella, não conseguindo dizer mais do que estas tres palavras; ou então: «Has de ser sempre creança!», melancolica censura, onde, ainda assim, transparecia um pouco de admiração.

Desembaraçada dos abafos, ella mostrava-se muito nova, com os mesmos grandes olhos azues da filha, cercados de profundos circulos azulados, sobresaindo estranhamente no rosto macillento, e que testemunhavam um passado de miseria, provações e desgraças, além d'uma grande ternura pelo homem que envolviam n'uma candida e continua caricia; e as faces emmagrecidas, a carnação de mulher loura com a pallidez amarellenta de petala fanada, as finas e precoces rugas entre cruzando-se no azulado da palpebra inferior, alguns fios brancos nos cabellos dourados, denunciavam, como os

labios desmaiados e o busto franzino, uma saude perdida. Atravez a elegancia da pobre *toilette* adivinhavam-se maneiras distinctas.

Nos braços, nas orelhas, algumas joias antigas, reliquias de familia, talvez.

Nas costas do catre, por detraz d'ella, um papagaio enrufava a plumagem, resmungando. Ao lado um *bull-dog* arranhava a coberta. O pequeno fazia-lhe festas com uma das mãos, emquanto a irmã o segurava pela outra: elle, vigoroso, feio e saudavel, parecido com o pae, ella, formosa, delicada, o retrato da mãe, de quem se aconchegava ás vezes, friorenta, com o olhar pregado nas escotilhas, um olhar apavorado de creança na qual a nostalgia, as angustias e o reflexo azul do mar descoravam agora o doce reflexo de pervinca.

A filha fallava como a mãe. O rapaz zezava e os seus olhos inquietos observavam tudo, incessantemente, habituado já, prompto para a brincadeira.

Terminados os pequenos arranjos, acabada a installação, foram para a coberta. A mulher apoiava-se pesadamente no braço do marido, com o peito offegante pelo esforço empregado para subir a escada.

Demoraram-se pouco tempo em cima, deslumbrados pelo sol, aturdidos pela gritaria. A sineta avisava os visitantes que deviam subir. Os marinheiros estavam prontos para a manobra. A multidão dos carregadores, despachantes e moços de hotel, a onda dos curiosos e dos amigos, que tinham vindo despedir-se dos passageiros, escoava-se pela ponte que ligava o *Oxus* ao caes. Os conhecidos abraçavam-se, e madame de Saint-Clair, ao ruido dos beijos, voltava a cabeça para observar se os filhos estavam ao pé d'ella, encostados, como os paes, aos camarotes da coberta. Largando o braço da mulher, o creoulo diligenciava acender o charuto, e procurava um auditorio para os seus gestos e ditos, que a distração dos que o cercavam não lhe permittia concluir.

Agora a um barulho succedia outro. O *Oxus* roncava, o vapor assobiava sahindo pelas valvulas, estremezia por effeito das primeiras experiencias dos embolos. Os bolinetes da prôa e pôpa guinchavam, e das machinas ás abitas, as espias, enormes serpentes de canhamo, retezavam-se, escorrendo agua suja. Foi dada a ordem: «Machina para a frente! Larga!» e, soltas as amarras

da pôpa e bombordo, o paquete, alando sobre as de estibordo, moveu-se no meio dos assobios dos contramestres da maruja.

Agitavam-se os lenços no caes, no quebra-mar, soltavam-se bravos ruidosos, e o *Oxus* saiu da agua immunda, penetrou no grande azul do mar, deixando após uma esteira de neve espumosa. O creoulo, chupando o charuto, occupava-se da policia de bordo, obrigava os passageiros a retirar-se da proximidade das amarras.

—Um accidente succede quando menos se pensa!... Cuidado com o chicote do cabo!...

Mal recebido por alguns, sem attender o «*Mas, meu amigo...*» da mulher, começou a desfazer cuidadosamente, enchugou-a, poz no seu logar a roseta multicôr, que brilhava na botoeira.

—A Estrella de Venezuela! disse-me um companheiro.

Não respondi. Occupava-me em observar madame de Saint-Clair, que olhava para a terra, que diminuia pouco a pouco, para o quebramar onde a agitação dos lenços parecia o batter das azas de um bando de pombos, descendo. Apertava convulsiva-

mente a filha contra si, dos olhos cahiam-lhe grandes lagrimas, lentas, silenciosas. A pequenita não a fitava, inteiramente occupada em reprehender o irmão, que esfregava a grade de cobre de uma claraboia:

—Tem cuidado, Didaco... Olha que sujas as mãos!...

## II

O *Oxus* tocou em Napoles, Port-Said, atravessou o canal de Suez, o Mar Vermelho, e os dias passaram, como passam a bordo, alegres ou aborrecidos. Á partida tinhamos visto o casal á mesa—as creanças, segundo o costume, comiam no salão que lhes estava reservado—; desde o estreito de Messina, porém, madame de Saint-Clair, incommodada com o enjôo, não saiu mais do camarote e ninguem tornou a vel-a. Ao almoço, ao *lunch*, ao jantar, como ao chá das oito horas e meia, o creoulo apparecia só, sempre risonho, sempre fallador, cumprimentando tres vezes as mesmas pessoas com cerimoniazas delicadezas e perguntas de uma amizade indiscreta. Comia por sua

mulher e por elle. O medico estranhava que fosse tão magro devorando d'este modo. Durante as refeições fallava constantemente, interrogando os visinhos com uma impertinencia ingenua, sem esperar que lhe respondessem. Contava a sua vida, os seus negocios, as doenças dos filhos, as suas, as da mulher, e, uma vez que não o troçassem com o sangue dos Beauharnais que, dizia elle, corria ainda nas suas veias de martinico, relevava os sorrisos de escarneo dos companheiros.

Entre estes, sobretudo, tratava com especial attenção, á sua direita, um coronel hollandez que se dirigia a Batavia, e, á esquerda, a esposa d'este militar. O coronel fallava pouco, alludindo a algumas recordações da Exposição de 1878, recordações que evocava uma vez pelo menos a cada refeição. Excepto á mesa — e ainda assim collocava-o n'uma cadeira perto d'elle —, não abandonava um instante, apesar de andar á paizana, o seu kepi de official, uma especie de bonet de orpheonista accommodado a um bombeiro de provincia.

M. Achilles de Saint-Clair, não só por causa do bonet como pela gordura glabra



do hollandez, respeitava-o muito e só o largava para assetear a coronella de galanteios a que ella não dava o devido valor porque desconhecia o francez. Os outros passageiros, inglezes, allemães, chinezes, japonezes e poucos francezes, conversavam entre si, muito isolados. Madame Morel, a unica franceza a bordo, não poupava o creoulo. Viuva d'um antigo magistrado colonial, voltava á Cochinchina para reunir-se a uma filha casada, e não podia aturar o publicista.

Porque era assim que ella o tratava, e elle, lisonjeado, enchia o paquete de exemplares das suas obras, duas brochuras de trinta e duas paginas cada uma, sobre a *Immigração chinesa na Guyanna* e os *Progressos da industria sacharina no Guadeloupe*, brochuras destituidas de merecimento, como o autor.

Era um gosto ouvil-os discutir; madame Morel, intelligente, ironica e fria, uma cabeça de ave de rapina satisfeita; elle, tolo, vaidoso, affectuoso, indulgente e molle de espirito como um verdadeiro creoulo, mas ao mesmo tempo gesticulando largamente, movendo-se como um esquilo, e tão magro!

Erguia pretenciosamente a sua cabeça grisalha de velho aprendiz de cabelleireiro, ridicula e apuradinha com o craneo precocemente calvo — e que craneo! Visto de longe parecia uma cabeça de alfinete com suissas. A obsessão d'esta comparação assaltava-me sempre que lhe fallava.

Evitava-o quanto podia, enfastiado da sua verbosidade, das suas fanfarronadas. Contradizia-se ingenuamente, dizendo-me umas vezes que viajava por conta da junta do commercio de Paris, cujas liberalidades lhe tinham, a fallar a verdade, diminuindo o preço da passagem; outras vezes que ia a Tonkin, commissionado por um syndicato francez, installar um serviço de transportes, por via de rebocadores, no rio Vermelho. No dia seguinte, o Mékong substituiu o Song-Koí, ou ainda a exploração de madeiras no Cambo-dge. Convenci-me de que elle não sabia onde ia, nem o que contava fazer, e quando, um pouco embriagado, me confessou um dia que jogava toda a sua fortuna n'esta viagem, para o que sua mulher tinha vendido quanto possuia, tive pena d'essa pobre senhora e acariciei os filhos um pouco mais.

Elles estavam sempre tristes, a menina

especialmente, Rosa, cujas faces o ar do mar reanimava, mas cujos olhos preoccupados ficavam serios, olhos de mulherzinha, que conhece os seus deveres. Confiava-me o irmão para ir abraçar a mãe, cuidar d'ella, e não se afastava, apesar da confiança que em mim depositava, sem mil recommenda-matnaes, pueris e commovedoras. Elle, um verdadeiro demonio, decididamente aclimatado, fugia-me para ir á casa de fumo ver o pae preparar com o coronel bitters complicados.

Uma tarde Rosa disse-me soluçando:

—Sabes . . . está muito doente a minha mamã!

O medico confirmou-me os seus receios. Debil como era, madame de Saint-Clair não poderia resistir ao enjôo. Definhava rapidamente.

### III

O camarote d'elles ficava contiguo ao meu e acompanhei esta agonia.

—Vae filha, dizia ás vezes a mãe quando

as contracções violentas a sacudiam, leva o Didaco e diz a teu pae que venha cá.

A criança saía, entregava-me o pequeno, que não comprehendia nada, depois voltava para chamar o pae, que estava na casa de fumo. Elle descia logo, mas, como Didaco, não comprehendia coisa alguma.

—Animo, minha querida, isso não vale nada...

—Ai. meu Achilles... sinto que vou morrer!...

E, após um estremeccimento, pensava nas filhas, apoquentava-se por causa d'elles, chorava, enquanto que elle lhe enchugava os labios e a consolava, fallando ás vezes o dialecto creoulo, quando a commoção a sufocava.

—O que vae ser de ti? O que será d'elles sem mim? E se o teu amigo Valette não estiver já no Cambodge, se tiver fallido, como te disseram no salão? Esta gente deve sabel-o: faz a viagem de dois em dois mezes... Meus pobres filhas!... Restar-te-hão apenas quinhentos francos depois de pagares as gratificações e as despezas miudas de bordo... Por que quizeste tomar a primeira classe? Teria morrido do mesmo modo na segunda!...

—Na segunda! repetia elle. ao mesmo tempo ferido no seu orgulho e embrutecido pela amargura.

E ella interrompia de repente as suas censuras, passava-lhe os braços ao pescoço, tomada outra vez pela adoração. Ouvia os beijos através o tabique.

As crises multiplicavam-se. Elle já não apparecia na casa de fumo. O coronel hollandez e a esposa vinham informar-se do estado da enferma. Depois, não tornou a apparecer á mesa, morto em fim o appetite.

Madame Morel offereceu-se para ir chamar um missionario, passageiro da segunda classe. Rosa chorava no corredor, e o rapazito, que ninguem se lembrava de cuidar, andava sujo, fugia para as machinas, contente da sua liberdade, aturdindo-nos com as canções alegres que o pae lhe tinha ensinado.

Uma manhã os dois esposos fallaram tão devagar que não ouvi coisa alguma; mas uma hora depois, quando o medico acabava de dizer-nos: «Toda a esperanza está perdida»—, o creoulo entrou na camara do capitão, á hora do nosso *whist*.

—Commandante, soluçava elle. no mar é

o official do estado civil... Venho pedir-lhe que celebre immediatamente o meu casamento com madame de Saint-Clair... *in extremis*... Já... por causa dos filhos...

Madame Morel espalhou a noticia e houve grande escandalo a bordo.

## IV

Casaram-nos. No pequeno camarote, em volta do leito da moribunda, reuniram-se o commandante, o commissario, as testemunhas, entre as quaes estava o corpulento coronel. Rosa e Didaco, refugiados no meu camarote, tentavam ouvir, ella chorando, apoiada ao meu hombro, elle, muito espantado. Para lhes desviar a attenção, contava-lhes um conto de fadas, mas enganava-me a cada passo, até que se ouviu um grito dizendo: «Sim».

—Foi o papá! exclamou a menina muito pallida. E o rapazito começou a chorar vendo a irmã banhada em lagrimas.

Em seguida appareceu o missionario com

a estola sobre a vestimenta chinesa côr de peito de pomba. Tudo estava acabado!

A minha vizinha estava morta.

---

O mar azul ondulava brandamente.

No convez, o caixão ropousava sobre tres rolos — um caixão esburacado com um trado para se afundar mais depressa. O missionario lia as orações dos mortos. Por detraz d'elle, ccomo boa christã, madame Morel, de joelhos, resava o seu rosario. O coronel holandez e a esposa assoavam-se ruidosamente, diligenciando amparar um vulto vestido de preto, com gravata branca: era o marido.

Condoído das creanças, o medico levá-ra-as para o seu camarote.

Aspergiu-se o caixão esburacado, a machina diminuiu a velocidade, o *Oxus* pareceu parar, e, com o bonet agalocado na mão, um mestre do vapor levou á bocca o apito.

—Vamos, ala... Empurrem, rapazes!

O ataúde avançou sobre os rolos, oscilou, voltou-se no ar. Ouviu-se o choque na agua, e o paquete retomou a velocidade cortando

o mar azul, onde se espelhavam os raios do sol brilhante.

Quando seguia atraz de Saint-Clair, a quem, por assim dizer, arrastavam, madame Morel tocou-me no hombro.

—Acredita, perguntou-me, que seja valido este casamento *in extremis* contraído a bordo, ainda que vá fazer o registo no primeiro consulado?

.....  
O pae desembarcou com os filhos em Saígon. Foi o ultimo a sair; não podia resolver-se a deixar o vapor, as suas «amizades», os rostos conhecidos, para partir só, ao acaso.

Olhava da prôa á pôpa: o *Oxus* era ainda um pouco da sua mulher, um pouco da sua felicidade perdida para sempre! Rosa puxava-o pela mão, e com o mesmo timbre da mãe:

—Vamos, papá... tenha coragem!...

Ella estava vestida de preto, com o seu chapéo de uso, ainda sem crepe, descorada, igual á morta, continuando a desempenhar o papel de mãe.

—Vamos, filha! exclamou elle soluçando e levantando-a nos braços; mas, por muito



tempo ainda, permaneceu no pontão, aniquilado, sobre as bagagens.

Não sei o que foi feito d'elle. O *Oxus*, requisitado para abastecer de viveres o almirante Coubert, teve de partir immediatamente. Descendo o rio, via ainda o vulto do pae e o da filha esforçando-se por consolal-o, emquanto que o rapazito ria descuidadamente, aos raios fulgurantes do sol ardente.



# **VIOLETAS**

(19 de março)



## VIOLETAS

As ruas estavam desertas: vinha ainda longe a manhã. Nuvens pardacentas, quasi á flôr da terra, eram impellidas e esfarrapadas pela ventania agreste, acompanhada do sussurro das arvores sacudidas furiosamente. O frio picava como agulhas.

O ataúde era conduzido por seis homens, que descanzavam de minuto a minuto. Atraz, n'um mutismo eloquente, alguns amigos, poucos, acompanhavam o cadaver d'esse incansavel e honesto trabalhador.

A chuva caía ruidosamente e dos beirões despenhavam-se catadupas; a luz frouxa

dos candieiros mal podia lutar com as trevas, e cortavamos a direito, atravessando as poças de agua, litteralmente enchareados.

:

&lt; &gt;

Entrámos no claustro guiados por uma lanterna; o vento uivava dobrando as flechas esguias dos cyprestes, o andar pesado dos corpoferarios despertava écos pavorosos, que iam quebrar o somno das aves nocturnas, que não se tinham atrevido a affrontar a tempestade.

Pousado o ataúde no deposito, com palavras entrecortadas, sem termos a consciencia do seu valor, a nós mesmos perguntámos se tudo aquillo era um sonho ou a realidade fria e implacavel. Depois, voltámos pelo mesmo caminho, mordendo nervosamente o charuto, com o mesmo silencio, e as lagrimas rolando pelas faces, fustigadas pela chuva e pela ventania, a braços com a duvida atroz, que nos assalta o espirito, n'estes momentos de lucha angustiosa em

que cae para sempre o melhor, o mais querido dos companheiros.

O sol, como uma horrivel ironia, o sol de primavera, alegre, quente e creador, veiu surprehender-me na minha angustia: a cidade acordava e ao longe um garoto cantava ruidosamente uma cantiga em voga, torpemente obscena.

\*

\* \*

Á tarde realizou-se o enterro. A egreja não podia comportar mais gente. Todos estavam vestidos de preto, graves, solemnes, commentando aquella morte. Faziam o elogio do finado em phrases curtas, abafadas, com gestos hypocritas, enquanto os padres entoavam o officio dos mortos e a cera crepitava. *Requiescat in pace. Amen.*

O cadaver foi aspergido com o hyssope, o ataúde fechado, os corpoferarios tomaram as argolas, fizeram um esforço rugindo, e o cortejo seguiu compassadamente para o cemiterio.

Pouco depois ouvia-se o som lugubre das primeiras enchadadas de terra batendo no caixão, enquanto o vento bramia sinistramente através os cyprestes.

Os ultimos raios do sol illuminavam aquella lugubre cerimonia.

✱

✱ ✱

Era o melhor, o unico dos meus amigos. Estava no seu quarto, conversavamos havia tres minutos; o seu espirito sempre lucido, a sua phrase sempre pausada, mas sem a *pose* affectada, sem o *embonpoint* dos pretenciosos, e de repente assalta-o uma dôr aguda na cabeça, a congestão declara-se fulminante, e, cinco horas depois, cinco annos de horrorosa tortura para quem o estimava, extinguiu-se o derradeiro alento de vida, fechava-se o ultimo capitulo d'essa existencia honestissima, de um trabalho de ferro. Oh! como deveria ser horriavelmente doloroso para elle esse momento em que pode articular as ultimas palavras: «É uma con-



gestão!» Como o passado, o presente e o futuro n'uma rapida visão haviam de apresentar-se deante d'elle, para o ferir com mais uma angustia por si só mortal, a certeza de que fazia falta!

\*

\* \*

Esse grande trabalhador, bem comprehendido de poucos, quasi ignorado de muitos, dorme o ultimo somno no humido seio da terra: a materia voltou á materia e os vermes, que d'ella surgem em legiões rai-  
vosas, começaram já a funebre tarefa: roem vagarosamente, friamente, o envolucro miseravel do que se intitula rei da creação.

Ámanhã tudo se esquecerá, nobreza de character e intelligencia; ámanhã, nem todo o seu trabalho será bastante para conservar-lhe a memoria n'esta massa expessa de indifferença, que não sabe avaliar o sentimento generoso e o pensamento elevado, e odeia tudo quanto não queima o incenso da hypocrisia no altar privilegiado das divin-

dades balofas. Amanhã poucos hão de fallar d'elle, e alguém — quem sabe?... — ao lêr estas paginas, que a sua ignorancia ou a sua maldade não lhe deixarão attingir, talvez procure extrair d'ellas corolarios extravagantes, com um sorriso de uma superior ironia... fingindo que não ouve a consciencia bradar-lhe: — *de te fabula narratur.*





## INDICE

	PAG.
TRAHIDA .....	5
O CANTO DA CIGARRA (Fernand Beissier).....	73
A NOITE DE NATAL (Marie de Bosguérard).....	89
LA DONNA É MOBILE .....	97
AQUELLA NOITE (Guy de Maupassant).....	117
IN EXTREMIS (Paul Bonnetain).. .....	151
VIOLETAS (19 de Março).....	173

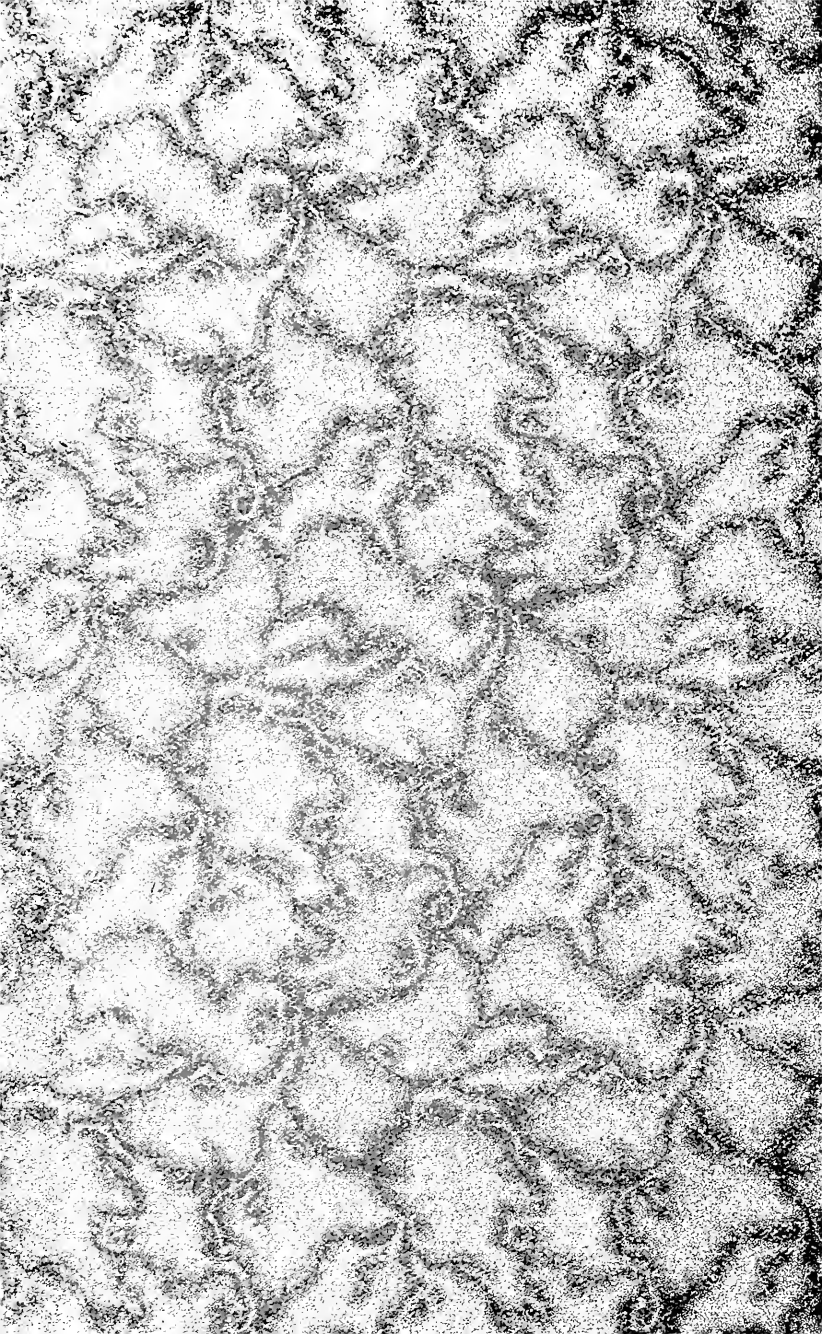












PQ  
9261  
A58N6

Almeida Mendes  
Noites de inverno

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 C5 06 03 017 3